

PROGRAMA MOVA/SP

***SME DOT/EJA
Ação Educativa***

PROJETO

***"O Lugar Onde Vivemos: Histórias das
Comunidades, Histórias das Pessoas"***

***Subsídios para a Formação Permanente
Monitores e Coordenadores***

São Paulo, 2003

Apresentação

Este material é um dos subsídios da formação permanente de monitores/as e coordenadores/as do Programa MOVA/SP.

Reúne uma série de textos sobre a cidade de São Paulo, em sua maioria informativos, e orientações e sugestões de atividades da Coleção Viver, Aprender, que podem ser desenvolvidas nas salas de alfabetização.

Ao adotar como eixo temático da formação "O lugar Onde Vivemos: Histórias das Comunidades, Histórias das Pessoas", espera-se propiciar a reflexão sobre diferentes aspectos da cidade de São Paulo e de seus bairros: histórias, organização, população, serviços, problemas e desafios... Espera-se, também, que desse processo educativo surjam, por parte de educadores e educandos, propostas de interação/intervenção nas realidades abordadas.

*Ação Educativa
Coordenação MOVA/SP*

SUMÁRIO

- Proposta de Formação 2003	p.04
- Histórias de São Paulo	p.08
♦ Histórias...Muitas Histórias	p.09
♦ A cidade de São Paulo e sua História	p.10
♦ São Paulo - Migrantes	p.15
♦ Saudades de São Paulo	p.17
- Informações sobre São Paulo	p.18
♦ Ver Vendo	p.19
♦ Ao lado de Lula, Marta inaugura o 1º CEU	p.20
♦ CEU: esperança de cidadania	p.21
♦ Itaim Paulista	p.23
♦ Itaquera	p.26
♦ São Miguel	p.29
♦ Ermelino Matarazzo	p.31
♦ São Mateus	p.33
♦ Dados estatísticos	p.38
- Atividades da Coleção Viver, Aprender	p.42
♦ Guia do educador, vol.1	p.43
♦ Livro do Aluno, vol.1	p.48
♦ Guia do educador, vol.2	p.60
♦ Livro do Aluno, vol.2	p.69

Proposta de Formação

MOVA/SP 2003

Ação Educativa

Assessoria, Pesquisa e Informação

**Proposta de Formação Projeto MOVA/SP
Monitores e Coordenadores
2003**

Considerações Iniciais

Este Projeto se insere em um contexto de reconstrução do MOVA/SP, iniciado em 2001 por meio de uma parceria entre a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, Entidades da Sociedade Civil e Organizações Não-Governamentais, cujo principal objetivo é a alfabetização de jovens e adultos do Município de São Paulo.

Ao longo de 2001 a reorganização do Movimento teve como foco o resgate da História do MOVA 89/92¹, a construção da Carta de Princípios, do Regimento e do Projeto Político Pedagógico do MOVA/SP 2001.

Durante o ano de 2002 deu-se início aos convênios entre Entidades e Prefeitura, bem como aos processos de formação dos diferentes segmentos envolvidos no Programa², por meio de assessorias de ONGs³ especializadas em EJA.

A proposta de formação buscou privilegiar no aspecto pedagógico, o debate e a reflexão sobre concepção de alfabetização e conseqüências para uma prática que se pretenda progressista, e, no aspecto político, o debate e a reflexão sobre os atuais desafios do Movimento, decorrentes da Carta de Princípios do MOVA.

O ano de 2003 aponta para a consolidação desse Movimento, seja no que diz respeito ao amadurecimento da parceria Entidades-Prefeitura, seja no que diz respeito à oferta de uma EJA cada vez mais qualificada para os educandos que buscam retornar aos estudos.

Nesse sentido, este Projeto pretende dar continuidade à formação até aqui desenvolvida com os profissionais que atuam no MOVA/SP, mas pretende também ser um dos espaços de discussão e proposição de alternativas de enfrentamento dos problemas existentes nas comunidades nas quais estão localizadas as Entidades e núcleos do MOVA/SP.

A ampliação da proposta de formação desta assessoria busca entrar em sintonia com uma visão ampliada de educação⁴, que considere as necessidades básicas de aprendizagens dos educandos segundo seus contextos e que considere também, que os processos educativos ocorrem nos mais diversos espaços da comunidade.

¹ Gestão do Governo Popular de Luíza Erundina.

² Equipes de DOT/EJA, Equipes dos NAEs, Coordenadores e Monitores do MOVA, profissionais das Equipes de EJA das Unidades Escolares.

³ Ação Educativa, CECIR, IPF, Vereda e AEC.

Reafirmamos, portanto nosso objetivo de fortalecimento das diferentes práticas educativas desenvolvidas no MOVA/SP, pelo conjunto de seus profissionais.

Justificativa

*"O ensino da História pode favorecer a compreensão dos alunos sobre a sociedade em que estão inseridos, fomentando o questionamento sobre o presente e desenvolvendo capacidades de interpretação. É também no ensino da história que se pode facilitar a apropriação de instrumentos que permitam apurar juízos individuais e coletivos. É na História - entendida como pesquisa e análise - que se pode perceber o papel de cada um como sujeito individual e coletivo dos fatos."*⁵

Ao optar por trabalhar com o eixo temático "O lugar onde vivemos: a história da comunidade, as histórias das pessoas", estamos reafirmando a idéia de que os processos educativos podem e devem ser espaço de reflexão e de proposição de estratégias de enfrentamento dos desafios colocados pelo cotidiano das pessoas. Reafirmamos, portanto ser a EJA um espaço privilegiado de intervenção na realidade dos educandos jovens e adultos que tradicionalmente têm sido alijados não somente do direito à educação, mas também de outros como Trabalho, Moradia, Lazer, Cultura, Saúde, Segurança...

Refletir acerca do lugar onde se vive é também ter a possibilidade de perceber como, no bairro e na cidade, existem espaços de intervenção e alternativas que a comunidade cria e oferece enquanto estratégias de sobrevivência.

Em consonância com o momento que se aproxima da comemoração dos 450 anos da cidade de São Paulo, entendemos ser esse um momento privilegiado para a reflexão acerca de como a cidade em que vivemos se constituiu e, de como a mesma se organiza nos mais diferentes aspectos: população, trabalho, riquezas, cultura, lazer, moradia, ... Como atuamos nessa realidade? Como a cidade pode vir a ser um espaço mais educativo, mais democrático?

Proposta

- Desenvolver com o grupo de educadores do MOVA/SP um trabalho de pesquisa e reflexão sobre o bairro em que vivem, tendo por referência a realidade da cidade de São Paulo.
- Criar subsídios para que os educadores possam planejar situações educativas que tenham a cidade como eixo temático.

⁴ Concepção de educação discutida na *Conferência Mundial Sobre educação Para Todos*, ocorrida em Jontiem, 1990. Tem como eixos: educação ao longo da vida, educação com foco nas aprendizagens e educação como evento que ocorre em diferentes espaços da sociedade (sistema educacional).

⁵ Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião, 2002. p.AN-76.

Produtos

- "Dossiê" da configuração dos diferentes bairros da Zona Leste (histórias sobre a origem dos bairros; mapas da região elaborados pelos educadores; lista serviços disponíveis; demandas e problemas; ...).
- Coletânea de fontes de pesquisa, textos e documentos que subsidiem futuros trabalhos dos educadores.

Objetivos

- Sensibilizar para o entendimento da relação existente entre letramento e cidadania.
- Favorecer a participação ativa na vida da comunidade.
- Reconhecer e valorizar as estratégias de sobrevivência existentes na comunidade.
- Valorizar a história das pessoas da comunidade.
- Estabelecer relações entre a configuração do bairro, do município, da cidade.
- Perceber a história pessoal como patrimônio (memória da sociedade).
- Criar situações educativas significativas, que considerem as histórias pessoais e os espaços de vivência eixos articuladores de reflexão e de intervenção dos educandos.

Os Encontros

A formação ficará dividida em dois momentos:

- um momento de formação (mais ou menos 5 encontros), em que os educadores estarão vivenciando os objetivos propostos.
- um segundo momento de proposição (mais ou menos 3 encontros), em que os educadores estarão com o auxílio das formadoras elaborando pequenos projetos, para serem desenvolvidos com os educandos.

Estratégias

Serão definidas com o grupo de educadores.

HISTÓRIAS DE
SÃO PAULO

Histórias... Muitas Histórias

A barata diz que tem muita história pra contar é mentira da barata, ela quer é me enganar...

Isso é que se canta nessa cantiga popular. Mas se a barata tem muita história pra contar, imaginem nós!?

O homem já nasce praticamente contando histórias. Está inserido numa história que o antecede e com certeza irá sucedê-lo.

A vida se organiza como uma história, tem um fio condutor, uma linha temporal e evolutiva.

As relações dos fatos quase sempre obedecem ao princípio de causa e efeito.

Pronto! Temos aí elementos suficientes para organizar a narrativa de uma vida: um contexto, o conhecimento praticamente inerente de que podemos relatar as coisas que nos acontecem; uma noção da ordem, da seqüência, do encadeamento dos fatos numa linha contínua e ininterrupta, que faz o estágio inicial ser distinto do estágio final, porque sempre sujeito às mudanças, próprias de um percurso: fato é soma!

Depois, a construção de um saber mais apurado, que nos leva à aquisição da consciência de que também podemos relatar o que acontece aos outros, segundo nossa ótica, e segundo outros olhos também.

Essa condição de ser portador de uma história todo homem tem!

Essa noção de sujeito-narrador é própria de quem aprendeu a pensar a sua história!

Mas o que se vive não é exatamente o que se conta!

Então, como contar? O que contar? Pra quem contar? Por que contar?

Acredito que foi esse o mistério que nos reuniu: o mistério que faz hoje as pessoas quererem contar e ouvir histórias!

Sisto, Celso. Histórias... Muitas Histórias. In. **Textos e Pretextos Sobre a Arte de Contar Histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

A Cidade de São Paulo e Sua História

A fundação de São Paulo insere-se no processo de ocupação e exploração das terras americanas pelos portugueses, a partir do século XVI. Inicialmente, os colonizadores fundaram a Vila de Santo André da Borda do Campo (1553), constantemente ameaçada pelos povos indígenas da região. Nessa época, um grupo de padres da Companhia de Jesus, da qual faziam parte José de Anchieta e Manoel da Nóbrega, escalaram a serra do mar chegando ao planalto de Piratininga onde encontraram "ares frios e temperados como os de Espanha" e "uma terra mui sadia, fresca e de boas águas". Do ponto de vista da segurança, a localização topográfica de São Paulo era perfeita: situava-se numa colina alta e plana, cercada por dois rios, o Tamanduateí e o Anhangabaú.

Nesse lugar, fundaram o Colégio dos Jesuítas em 25 de janeiro de 1554, ao redor do qual iniciou-se a construção das primeiras casas de taipa que dariam origem ao povoado de São Paulo de Piratininga.

Em 1560, o povoado ganhou foros de Vila e pelourinho mas a distância do litoral, o isolamento comercial e o solo inadequado ao cultivo de produtos de exportação, condenou a Vila a ocupar uma posição insignificante durante séculos na América Portuguesa.

Por isso, ela ficou limitada ao que hoje denominamos Centro Velho de São Paulo ou triângulo histórico, em cujos vértices ficam os Conventos de São Francisco, de São Bento e do Carmo.

Até o século XIX, nas ruas do triângulo (atuais ruas Direita, XV de Novembro e São Bento) concentravam-se o comércio, a rede bancária e os principais serviços de São Paulo.

Em 1681, São Paulo foi considerada cabeça da Capitania de São Paulo e, em 1711, a Vila foi elevada à categoria de Cidade. Apesar disso, até o século XVIII, São Paulo continuava como um quartel-general de onde partiam as "bandeiras", expedições organizadas para apresar índios e procurar minerais preciosos nos sertões distantes. Ainda que não tenha contribuído para o crescimento econômico de São Paulo, a atividade bandeirante foi a responsável pelo devassamento e ampliação do território brasileiro a sul e a sudoeste, na proporção direta do extermínio das nações indígenas que opunham resistência a esse empreendimento.

A área urbana inicial, contudo, ampliou-se com a abertura de duas novas ruas, a Libero Badaró e a Florêncio de Abreu. Em 1825, inaugurou-se o primeiro jardim público de São Paulo, o atual Jardim da Luz, iniciativa que indica uma preocupação urbanística com o aformoseamento da cidade.

No início do século XIX, com a independência do Brasil, São Paulo firmou-se como capital da província e sede de uma Academia de Direito, convertendo-se em importante núcleo de atividades intelectuais e políticas. Concorreram também para isso, a criação da Escola Normal, a impressão de jornais e livros e o incremento das atividades culturais.

No final do século, a cidade passou por profundas transformações econômicas e sociais decorrentes da expansão da lavoura cafeeira em várias regiões paulistas, da construção da estrada de ferro Santos-Jundiaí (1867) e do afluxo de imigrantes europeus. Para se ter uma idéia do crescimento vertiginoso da cidade na virada do século, basta observar que em 1895 a população de São Paulo era de 130 mil habitantes (dos quais 71 mil eram estrangeiros), chegando a 239.820 em 1900!). Nesse período, a área urbana se expandiu para além do perímetro do triângulo, surgiram as primeiras linhas de bondes, os reservatórios de água e a iluminação a gás.

Esses fatores somados já esboçavam a formação de um parque industrial paulistano. A ocupação do espaço urbano registrou essas transformações. O Brás e a Lapa transformaram-se em bairros operários por excelência; ali concentravam-se as indústrias próximas aos trilhos da estrada de ferro inglesa, nas várzeas alagadiças dos rios Tamanduatey e Tietê. A região do Bexiga foi ocupada, sobretudo, pelos imigrantes italianos e a Avenida Paulista e adjacências, áreas arborizadas, elevadas e arejadas, pelos palacetes dos grandes cafeicultores.

As mais importantes realizações urbanísticas do final do século foram, de fato, a abertura da Avenida Paulista (1891) e a construção do Viaduto do Chá (1892), que promoveu a ligação do "centro velho" com a "cidade nova", formada pela rua Barão de Itapetininga e adjacências. É importante lembrar, ainda, que logo a seguir (1901) foi construída a nova estação da São Paulo Railway, a notável Estação da Luz.

Do ponto de vista político-administrativo, o poder público municipal ganhou nova fisionomia. Desde o período colonial São Paulo era governada pela Câmara Municipal, instituição que reunia funções legislativas, executivas e judiciárias. Em 1898, com a criação do cargo de Prefeito Municipal, cujo primeiro titular foi o Conselheiro Antônio da Silva Prado, os poderes legislativo e executivo se separaram.

O século XX, em suas manifestações econômicas, culturais e artísticas, passa a ser sinônimo de progresso. A riqueza proporcionada pelo café espelha-se na São Paulo "moderna", até então acanhada e tristonha capital.

Trens, bondes, eletricidade, telefone, automóvel, velocidade, a cidade cresce, agiganta-se e recebe muitos melhoramentos urbanos como calçamento, praças, viadutos, parques e os primeiros arranha-céus.

O centro comercial com seus escritórios e lojas sofisticadas, expõe em suas vitrinas a moda recém lançada na Europa. Enquanto o café excitava os sentidos no estrangeiro, as novidades importadas chegavam ao Porto de Santos e subiam a serra em demanda à civilizada cidade planaltina. Sinais telegráficos traziam notícias do mundo e repercutiam na desenvolvida imprensa local.

Nos navios carregados de produtos finos para damas e cavalheiros da alta classe, também chegavam os imigrantes italianos e espanhóis rumo às fazendas ou às recém instaladas indústrias, não sem antes passar uma temporada amontoados na famosa hospedaria dos imigrantes, no bairro do Brás.

Em 1911, a cidade ganhou seu Teatro Municipal, obra do arquiteto Ramos de Azevedo, celebrizado como sede de espetáculos operísticos, tidos como entretenimento elegante da elite paulistana.

A industrialização se acelera após 1914 durante a Primeira Grande Guerra mas o aumento da população e das riquezas é acompanhado pela degradação das condições de vida dos operários que sofrem com salários baixos, jornadas de trabalho longas e doenças. Só a gripe espanhola dizimou oito mil pessoas em quatro dias.

Os operários se organizam em associações e promovem greves, como a que ocorreu em 1917 e parou toda a cidade de São Paulo por muitos dias. Nesse mesmo ano, o governo e os industriais inauguram a exposição industrial de São Paulo no suntuoso Palácio das Indústrias, especialmente construído para esse fim. O otimismo era tamanho que motivou o prefeito de então, Washington Luís, a afirmar, com evidente exagero: "A cidade é hoje alguma coisa como Chicago e Manchester juntas".

Na década de 20, a industrialização ganha novo impulso, a cidade cresce (em 1920, São Paulo tinha 580 mil habitantes) e o café sofre mais uma grande crise. No entanto, a elite paulistana, num clima de incertezas mas de muito otimismo, frequenta os salões de dança, assiste às corridas de automóvel, às partidas de foot-ball, às demonstrações malabarísticas de aeroplanos, vai aos bailes de máscaras e participa de alegres corsos nas avenidas principais da cidade. Nesse ambiente, surge o irrequieto movimento modernista. Em 1922, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Luís Aranha, entre outros intelectuais e artistas, iniciam um movimento cultural que assimilava as técnicas artísticas modernas internacionais, apresentado na célebre Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal.

Com a queda da bolsa de valores de Nova Iorque e a Revolução de 1930, alterou-se a correlação das forças políticas que sustentou a "República Velha". A década que se iniciava foi especialmente marcante para São Paulo tanto pelas grandes realizações no campo da cultura e educação quanto pelas adversidades políticas. Os conflitos entre a elite política, representante dos setores agro-exportadores do Estado, e o governo federal, conduziram à Revolução Constitucionalista de 1932 que transformou a cidade numa verdadeira praça de guerra, onde se inscreviam os voluntários, se armavam estratégias de combate e se arrecadavam contribuições da população amedrontada mas orgulhosa de pertencer a uma "terra de gigantes".

A derrota de São Paulo e sua participação restrita no cenário político nacional coincidiu, no entanto, com o florescimento de instituições científicas e educacionais. Em 1933, foi criada a Escola Livre de Sociologia e Política, destinada a formar técnicos para a administração pública; em 1934, Armando de Salles Oliveira, interventor do Estado, inaugurou a Universidade de São Paulo; em 1935, o Município de São Paulo ganhou, na gestão do prefeito Fábio Prado, o seu Departamento de Cultura e de Recreação.

Nesse mesmo período, a cidade presenciou uma realização urbanística notável, que testemunhava o seu processo de "verticalização": a inauguração, em 1934, do Edifício Martinelli, maior arranha-céu de São Paulo, à época, com 26 andares e 105 metros de altura!

A década de 40 foi marcada por uma intervenção urbanística sem precedentes na história da cidade. O prefeito Prestes Maia colocou em prática o seu "Plano de Avenidas", com amplos investimentos no sistema viário. Nos anos seguintes, a preocupação com o espaço urbano visava basicamente abrir caminho para os automóveis e atender aos interesses da indústria automobilística que se instalou em São Paulo em 1956.

Simultaneamente, a cidade cresceu de forma desordenada em direção à periferia gerando uma grave crise de habitação, na mesma proporção, aliás, em que as regiões centrais se valorizaram servindo à especulação imobiliária.

Em 1954, São Paulo comemorou o centenário de sua fundação com diversos eventos, inclusive a inauguração do Parque Ibirapuera, principal área verde da cidade, que passou a abrigar edifício diversos projetados pelo arquiteto Oscar Niemeyer.

Nos anos 50, inicia-se o fenômeno de "desconcentração" do parque industrial de São Paulo que começou a se transferir para outros municípios da Região Metropolitana (ABCD, Osasco, Guarulhos, Santo Amaro) e do interior do Estado (Campinas, São José dos Campos, Sorocaba).

Esse declínio gradual da indústria paulistana insere-se num processo de "terciarização" do Município, acentuado a partir da década de 70. Isso significa que as principais atividades econômicas da cidade estão intrinsecamente ligadas à prestação de serviços e aos centros empresariais de comércio (shopping centers, hipermercados, etc). As transformações no sistema viário vieram atender a essas novas necessidades. Assim, em 1969, foram iniciadas as obras do metrô na gestão do prefeito Paulo Salim Maluf.

A população da metrópole paulistana cresceu na última década, de cerca de 10 para 16 milhões de habitantes. Esse crescimento populacional veio acompanhado do agravamento das questões sociais e urbanas (desemprego, transporte coletivo, habitação, problemas ambientais ...) que nos desafiam como "uma boca de mil dentes" nesse final de século. No entanto, como dizia o grande poeta da cidade, Mário de Andrade:

"Lá fora o corpo de
São Paulo escorre
vida ao guampasso
dos arranhacéus"

Bibliografia

BRUNO, Emami da Silva - Tradições e Reminiscências da Cidade de São Paulo. São Paulo, Hucitec/SMC, 3 vol., 1984.

FAUSTO, Bóris - Trabalho urbano e conflito social (1890 -1920). Rio de Janeiro, Difel, 1977.

MILLIET, Sérgio - Roteiro do Café e outros ensaios. São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo, 1941 (Coleção Depart° de Cultura, v.25).

MORSE, Richard - De Comunidade à Metrópole. São Paulo, Comissão do IV Centenário da fundação de São Paulo, 1954.

PORTO, Antônio Rodrigues - História Urbanística da Cidade de São Paulo (1554-1988). São Paulo, Ed. Carthago & Forte, 1992.

SÃO PAULO (CIDADE) - São Paulo: Crise e Mudança. São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo /Editora Brasiliense, 2ª edição, s/d.

TAUNAY, Afonso E. - São Paulo nos primeiros anos (1554 -1601). Tours, Imprensa de E. Arrault e Cia, 1920.

copyright © DPH
criação PRODAM
janeiro/1999



Migrantes

Quando vim da minha terra,
não vim, perdi-me no espaço,
na ilusão de ter saído.

Ai de mim, nunca sai.

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)

Para entender melhor os contrastes e o emaranhado de culturas que povoam o Estado de São Paulo não dá para deixar de falar da migração. Aqui o turista mais desavisado se surpreende com a estranha união do feijão-de-corda com o pão-de-queijo que, por sua vez, convivem em total harmonia com o forró e a música sertaneja. Tudo isso regado a um bom churrasco com chimarrão. É possível encontrar em São Paulo cada pedacinho do Brasil com seus sotaques e culinárias dos mais variados. Afinal, o Estado de São Paulo se transformou num dos mais importantes pólos de atração de fluxos migratórios. O rápido desenvolvimento da região, a oportunidade de emprego e o sonho de uma vida melhor fizeram dessa terra o que é hoje: uma Torre de Babel. Em estatística feita em 1959 constatou-se que o processo migratório para São Paulo começou em 1901. Naquele primeiro ano, o registro de entrada de nacionais no Estado de São Paulo apontou 1.434 pessoas. No mesmo período, o número de estrangeiros aportados em São Paulo foi de 70.348 pessoas. Foi em 1923 que teve início a intensificação do fluxo de nordestinos, mineiros e fluminenses para São Paulo.

Em 1935, o governo de Armando Salles de Oliveira decidiu estimular a migração para São Paulo, com o objetivo de suprir a lavoura de mão-de-obra. Por iniciativa daquele governo foi estipulada, pelo sistema de contratos com companhias

particulares, a introdução de trabalhadores mediante a seguinte subvenção: pagamento de passagem, bagagem e um pequeno salário para a família. As firmas contratadas pelo governo para trazer trabalhadores de outros Estados passaram a operar com afinco no Nordeste do país e no Norte do Estado de Minas Gerais. Em 1939 o Departamento de Imigração e Colonização foi reorganizado e criou-se a Inspetoria de Trabalhadores Migrantes com a finalidade de substituir as firmas particulares no serviço de migração subsidiada. Quando as famílias chegavam a São Paulo eram recebidas na Hospedaria do Imigrante e daí distribuídas pelo Estado. Com o estímulo dado pelo governo, as entradas passaram a ser maciças, atingindo em 1939 a casa dos 100 mil.

Durante o período de 1941 a 1949 só o Departamento de Imigração e Colonização de São Paulo encaminhou à lavoura do Estado 399.937 trabalhadores procedentes de outros Estados do Brasil. Nesta época, na Europa acontecia a II Guerra Mundial e a imigração de europeus reduziu drasticamente. Os 12 municípios que maior número de migrantes receberam (399.927) foram Presidente Prudente, Rancheira, Marília, Martinópolis, Andradina, Presidente Venceslau, Santo Anastácio, Pompéia, Valparaíso, Araçatuba e Presidente Bernardes. Mas foi nas décadas de 1950 e 1960 que se verifica a efetiva industrialização do Estado e a conseqüente abertura de um mercado de trabalho de dimensões amplas, uma vez que o processo de crescimento industrial, por seus efeitos multiplicadores levou também a uma substancial ampliação do setor terciário. A migração em 1950 apresentava o seguinte quadro: Minas Gerais contribuiu com quase 50% do fluxo. A Bahia é o Estado que mais contribuiu depois de Minas Gerais, com 17,56% do fluxo. Somente estes dois Estados representavam 65,04% do fluxo. Migrantes de Pernambuco, Alagoas, Ceará, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte e Piauí representavam menos de 15%.

O fato de Minas Gerais ser um Estado vizinho de São Paulo, é um motivo a mais a determinar o grande fluxo migratório. O aumento do peso da migração vinda do Nordeste é em grande parte devido às secas que atingiram a região na década de 1950. Outro fator determinante foi a conclusão da Estrada Rio-Bahia em 1949, o que veio facilitar bastante essa migração. Foi por esta rodovia que surgiu o "pau-de-arara", transporte de migrantes feito por caminhões de carga, precariamente adaptados para o transporte de seres humanos. Os migrantes se espalharam por todo o Estado, mas a Região Metropolitana de São Paulo apresentou-se como a mais importante área de atração populacional do Estado, tendo as migrações contribuído com 56,6% do crescimento da população da região no período 1960-1970.

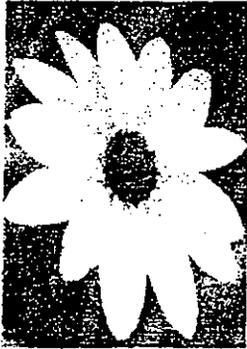
O aparecimento do complexo industrial da Região da Grande São Paulo deu-se sobretudo a partir da Segunda-Guerra Mundial, e de forma mais acentuada durante e após a década de 1950, quando o processo de substituição de importações surgiu como um dos fatores principais do desenvolvimento industrial da região.

Com o passar dos anos, a migração foi diminuindo. Nos anos 60, chegavam à cidade 128 mil migrantes por ano, a partir de 1980 a média anual caiu para 68 mil, segundo dados do Seade.

Por causa dessa miscigenação, hoje, passear por São Paulo é conhecer todas as tradições. O bairro do Brás, por exemplo, antigo reduto de italianos, é ocupado hoje em sua maioria por migrantes nordestinos. Já a cidade de Carapicuíba registra 70% de migrantes entre nortistas e nordestinos. No município de Embu, os gaúchos realizam festas com acordeão e rabeca e, claro, churrasco. Sem falar de toda a tradição do mobiliário rústico e artesanal.

A parte gastronômica é outro capítulo. Por causa da migração, é possível comer em São Paulo qualquer doce feito com a fruta mais exótica da Amazônia, um bom acarajé preparado por uma baiana autêntica, aquele doce de leite com queijo mineiro ou mesmo encontrar uma boa erva-mate para o preparo do chimarrão. Ou ainda comer leitão à pururuca, vaca atolada, galinha ao molho pardo, moquecas com jeitão capixaba, buchada de carneiro, costelinha de porco com canjiquinha e angu, arroz de cuxá do Maranhão, sopa de goma de mandioca com camarão seco do Belém do Pará ou ainda a combinação de tucupi e jambu. O difícil é enumerar todas as opções.

Seja fugindo da seca ou em busca do sonho de uma vida melhor e do melhor centro educacional do País, enfim, cada um que chegou em São Paulo tinha um motivo. Porém, todos adotaram essa terra como seu lar e essa terra, em contrapartida, recebeu não só complexos problemas urbanos mas, principalmente, ganhou a força do trabalho de uma gente com muita determinação e, acima de tudo, com a infinita riqueza de várias culturas.



SAUDADES DE SÃO PAULO

Non Ducor . . . Duco ! *
Eloy Franco
sallymoo@attbi.com

Obs.: O autor é brasileiro, mas mora na Califórnia - USA

Para matar minhas saudades da Terra Paulista
Deus, com muita pena, disse : "Canta!"
Mas, como de canto não sou especialista,
Fiquei confuso com aquela Ordem Santa.

Elevei porém a voz no sossego da noite
E procurei cantar sem hesitação . . .
Melhor ter sofrido um cruel açoite,
Tal era a dor em meu triste coração !

Cantando assim um pouco mais alto
Numa noite triste e sem luz,
Eu pretendia estar de novo no Planalto,
Na muito querida Rua Santa Cruz . . .

Poucos porém ouviram meu canto
E creio até que não chegou a Deus,
Pois era mais um solitário pranto
Que trazia lágrimas de dor aos olhos meus !

Queria cantar alegremente
Como canta um passarinho . . .
Estava porém, tristemente,
No meu quarto, chorando baixinho !!!

Observação: (Non Ducor . . . Duco !): Existem dois Lemas para São Paulo (Brasil): Para o Estado de São Paulo é: "Non Ducor . . . Duco !" (em Latim) que significa: "Não sou Conduzido . . . Eu Conduzo !" ou "Não sou Comandado . . . Eu Comando !" ou "Não sou Liderado . . . Eu Lídero !" Para a Cidade de São Paulo: "Pro São Paulo, Fiant Eximia !" também em Latim, que significa : " Para São Paulo, que haja Luz !" . . . Ambos os Lemas foram muito populares durante a grande Revolução Constitucionalista de 1932 quando São Paulo, sozinho, lutou de 9 de Julho a 27 de Outubro, para reinstalar a Constituição Brasileira que Getúlio Vargas tinha abolido em 1930. O Getúlio usurpou o poder do Presidente eleito Washington Luiz que nem chegou a tomar posse, com a ajuda de Luiz Carlos Prestes que havia recebido 100 mil dólares de Moscou e deu 80 mil para o Getúlio que precisava do dinheiro para financiar a revolução de 1930. Carlos Prestes ficou com os 20 mil para preparar a Intentona comunista de 1935.

Direitos Autorais Reservados Art. 5º, XXVII, CF/88 Brasil

Proibida a cópia e a publicação em outras páginas sem a prévia autorização do autor.

INFORMAÇÕES

SOBRE

SÃO PAULO

Ver Vendo

(Otto Lara Rezende)

De tanto ver, a gente banaliza o olhar – vê ... não - vendo.
Experimente ver, pela primeira vez, o que você vê todo dia, sem ver.
Parece fácil, mas não é: o que nos cerca, o que nos é
familiar, já não desperta curiosidade.
O campo visual da nossa retina é como um vazio.

Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta .
Se alguém lhe perguntar o que você vê no caminho, você não sabe.
De tanto ver, você banaliza o olhar. Sei de um profissional que
Passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório.
Lá estava sempre, pontualíssimo, porteiro. Dava-lhe bom- dia e ,
Às vezes, lhe passava um recado ou uma correspondência.

Um dia o porteiro faleceu. Como era ele? Sua cara? Sua voz?
Como se vestia? Não fazia a mínima idéia.
E 32 anos nunca conseguiu vê-lo.
Para ser notado, porteiro teve que morrer.
Se, um dia, em seu lugar estivesse uma girafa cumprindo o rito,
pode ser, também, que ninguém desse por sua ausência.

O hábito suja os olhos e baixa a voltagem. Mas há sempre
o que ver: gente, coisas, bichos. E vemos. Não, não vemos.

Uma criança vê o que um adulto não vê. Tem olhos atentos e limpos
para o espetáculo do mundo. O poeta é capaz de ver pela primeira
Vez, o que de tão visto, ninguém vê. Há pai que raramente vê o
próprio filho. Marido que nunca viu a própria mulher.

Nossos olhos se gastam no dia-a-dia, opacos.
... é por aí que se instala no coração o monstro da indiferença.

Ao lado de Lula, Marta inaugura o 1º CEU

AMARÍLIS LAGE
da Folha de S.Paulo

Acompanhada do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a prefeita Marta Suplicy irá inaugurar hoje o primeiro dos 21 CEUs (Centros Educacionais Unificados) que pretende entregar neste ano. Os "escolões", como são chamados, constituem a principal marca que a prefeita deseja imprimir em sua administração. Cada unidade custará R\$ 13 milhões.

Com 42 mil m², o CEU Jambeiro, em Guaianazes (zona leste), é o maior. Seguindo um padrão, abriga escola de educação infantil, escola de ensino fundamental e creche, com capacidade total para 1.140 alunos em cada turno.

As crianças que "estréiam" o novo modelo estudavam em escolas da região. A transferência foi baseada na proximidade da moradia, mas nem todos foram contemplados. "Pedi para transferir meus dois filhos, mas só um veio pro CEU", afirma Rosimeire Silva, 30, que ontem foi buscar o crachá eletrônico do caçula.

A empolgação de mães deve-se aos demais equipamentos: biblioteca, cinema, teatro, piscina, quadras poliesportivas e telecentro —que também serão usados pela comunidade. O objetivo é oferecer novas opções, como aulas de dança e música. São essas atividades que, diz Marta, possibilitarão uma "quebra do ciclo da miséria".

"A criança vai ver que existe outro mundo, terá outros sonhos e expectativas", disse a prefeita nesta semana, ao visitar o terreno do CEU Paz, na zona norte.

Essa estratégia encontra eco na opinião de educadores. "A escola faz parte de um complexo de práticas culturais, esportivas, sociais, estéticas e políticas. Todas as escolas deveriam deixar de ser as unidades estanques que têm sido", afirma Alípio Casali, professor de pós-graduação da PUC-SP.

Para Vera Masagão, coordenadora da ONG Ação Educativa, o estímulo às artes nas escolas é um canal transformador. "Hoje existem vários movimentos espontâneos, na periferia, em que os jovens encontraram uma saída através da dança e da música."

Continuidade

Mas o elogio à proposta não impede Masagão de questionar a intenção do projeto. "Meu temor é que o CEU seja uma obra faraônica eleitoreira que os próximos governos deixarão dilapidar."

Esse é um receio que existe dentro do próprio partido de Marta. Para o parlamentar Chico Alencar (PT-RJ), membro da Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, projetos como o CEU devem se ater à realidade econômica.

"Não adianta ter um projeto que repercute muito, de manutenção dispendiosa, se não há planejamento para mantê-lo. No Rio houve uma proposta em tese muito interessante: os Cieps, que, com a mudança de governo, foram abandonados."

Os Cieps (Centros Integrados de Educação Pública) foram criados em 1985 por Leonel Brizola, quando era governador do Rio, e tinham como base o projeto de escola-parque, elaborado pelo educador Anísio Teixeira na década de 50 e no qual a Prefeitura de São Paulo também se apoiou para elaborar os CEUs.

Mas a secretária municipal de Educação, Cida Perez, rejeita comparações. A principal diferença, para ela, está na forma de gestão adotada nos CEUs. Cada "escolão" terá um gestor, eleito pela comunidade, que definirá o uso do equipamento. "Os Cieps não tinham relação com a comunidade e terminaram se isolando. No CEU, a comunidade garantirá a continuidade do projeto."

CEU: esperança de cidadania

Sueli Carneiro

Pesquisadora do CNPq e diretora do Geledés — Instituto da Mulher Negra

Dentre as muitas humilhações que a pobreza gera, a maior é o paradigma que sobre ela se instituiu segundo o qual, em sendo para pobre, qualquer coisa serve. Argumentos aparentemente racionais prestam-se a justificar essa máxima e, dentre eles, a escassez de recursos, sobretudo no âmbito do poder público, para a implementação das políticas públicas de corte social. Tais argumentos eternizam a concepção de que os seres humanos empobrecidos devem se satisfazer com serviços e bens de péssima qualidade, como se fosse um atavismo inerente à pobreza. Talvez de todas as conquistas que esse povo humilhado pode alcançar, seja a mais importante delas o direito à qualidade no que lhe seja ofertado, em especial pelo poder público; o direito a ter mais e melhor do que apenas as cestas básicas da solidariedade.

A cena mais emocionante da campanha do presidente Luiz Inácio Lula da Silva continua sendo para mim a propaganda eleitoral em que um jovem reiterava o seu amor pelo país, e expressava que os sonhos que povoam o imaginário dos jovens brasileiros das classes populares são os mesmos sonhos e desejos dos jovens das classes sociais abastadas; senão por outras razões, pelo fato de que todos estão igualmente expostos aos apelos consumistas inerentes às propagandas fartamente veiculadas nos meios de comunicação de massa. Como ele dizia, todos sonham em ter um tênis ou uma camiseta de marca e outros sonhos eternamente frustrados: entrar na universidade; serviço de saúde de qualidade para escapar do Vietnã que é o nome que se dá hoje em São Paulo aos hospitais públicos; boa educação, professores bem formados e atentos às necessidades de seus alunos, lazer e cultura.

É a renovação dessa esperança de uma cidadania enfim vindoura que desperta nas populações despossuídas da cidade de São Paulo a criação do *Centro Educacional Unificado (CEU)* pela prefeitura de São Paulo. Um equipamento educacional que concentra múltiplas atividades: sala de computação, teatro, quadras poliesportivas, piscinas, oficina de artesanato, contadores de história, exposição de fotos, shows com bandas locais e apresentação de capoeira, quadra coberta e biblioteca.

Segundo a prefeitura, essas atividades esportivas e culturais poderão abranger todos os moradores da região, alunos ou não, incluindo pessoas da terceira idade. Bairros pobres, periféricos e geralmente violentos, como Guaianazes e Sapopemba, são o perfil para a localização desses Centros, com capacidade para atender cada um a 21.400 alunos.

A ousadia da proposta já atrai o engajamento de empresas e cidadãos. O apoio empresarial e crescente voluntariado podem contribuir para assegurar a sustentabilidade, expansão e sucesso dessa iniciativa. Nessa direção a Valisére doou 5 mil calções de banho para cada CEU; o Hospital Albert Einstein cederá profissionais para exames gratuitos para a população poder usar piscinas, etc.

Os riscos são grandes: a presença do narcotráfico no controle dessas regiões; a incerteza de recursos públicos suficientes para manter essas estruturas; os riscos de depredação, invasão pela marginalidade local; a precariedade do policiamento... Porém, é louvável que a resposta do poder

público em condições tão adversas não seja a habitual solução de mais repressão no lugar de mais atenção social, mas, ao contrário, levar serviços de qualidade a áreas onde o que há historicamente é desesperança e abandono.

É nessa mudança de concepção sobre o atendimento a ser dado a essas populações que reside o aspecto mais relevante do projeto. No artigo "Ética e Desenvolvimento" (13/8), Eliane Cantanhêde relata a visão do diretor do BID Bernardo Kliksberg sobre as razões pelas quais a Costa Rica e o Uruguai são os países com menos desigualdade em nosso continente.

Segundo ele, "porque a Costa Rica tem um projeto histórico, desde 1948, de investir muito fortemente nas pessoas. É um país pobre, sem muitos recursos naturais, sem petróleo, mas que investe tudo o que pode em gente, em educação e saúde. Ou seja, que mobiliza seu capital para o desenvolvimento humano. No Uruguai, há políticas públicas muito ativas voltadas para as pessoas, com uma sociedade civil muito mobilizada". É, ainda segundo ele, a ausência dessa concepção de desenvolvimento que articula ética e economia que determina a amplitude da indigência humana na maioria dos países da região.

Provavelmente, com o custo desse equipamento inaugurado pela prefeitura paulistana seria possível construir centenas de escolas de lata como as tantas que existem em São Paulo, e atender a um número muito maior de crianças com a qualidade que se conhece, em que no calor as crianças sufocam e no inverno quase morrem de frio. Porém, milhares de escolas de lata ou assemelhadas não são capazes de gerar o sentimento de dignidade humana resgatada que um único CEU produz e estabelecer o novo paradigma de política pública a ser exigido por todos os que padecem de privação social. Quando um CEU é possível, o céu pode se tornar o limite.

Este distrito situado na Zona Leste abrange os bairros Jardim Carmo, Monte Belo, Jardim Meliunas, Vila Arizona, Jardim Camargo, Jardim da Oliveiras, Jardim Jaragu, Jardim Aimoré, Jardim Bartira, Jardim Nazareth, Jardim Carolina.

Itaim Paulista

história do bairro



Itaim Paulista

A Administração Regional do Itaim Paulista é a irmã caçula das outras Admin. Regionais, pois está completando um ano de existência.

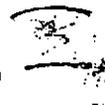
O Primeiro ato de estabelecimento da Admin. Regional foi no Governo do Exmo Prefeito Jânio Quadros, revogada pela ex-prefeita Exma Luiza Erundina.

Atualmente com a Mini-Reforma Administrativa da Lei 13.169/2001, estabelecida pela Prefeita Marta Suplicy, foi concretizada a existência da Administração Regional do Itaim Paulista

Atualmente estamos funcionando em um prédio que foi um Sacolão, e a partir de 2002 ficará instalada em um espaço mais adequado e confortável para melhor qualidade de atendimento ao público da região do Itaim Paulista, densamente povoada por aproximadamente 18 hab/km².

A principal característica do Distrito do Itaim Paulista, é a concentração de pequenos centros de desenvolvimento, onde um investimento de equipamentos públicos ajudará no desenvolvimento local.

O nome Itaim, em tupi-guarani significa pedra pequena que para nós é o mesmo que pedra preciosa.



Distrito: Itaim Paulista

Estimativa Populacional em 2000: 194.671
Taxa anual de Crescimento: 2,06
Taxa anual de Natalidade: 27,29
Anualmente Migram para esse distrito: 1.764 pessoas

Estabelecimentos Comerciais

Total de Estab. Comerciais: 650
Na área de:
Agropecuária: 2
Extração Mineral: 1
Indústria: 91
Indus. Utilidade Pública: -
Construção Civil: 33
Comércio: 354
Serviços: 169

Empregos

Média anual de Empregos no setor de:
Agropecuária: 14
Extração Mineral: 27
Indústria: 825
Indus. Utilidade Pública: -
Construção Civil: 332
Comércio: 1.988
Serviços: 863

Ensino

Frequência de estudantes em 1996: 164.265
Escolaridade com:
Menos de 1 ano de escola: 16.189
1º grau Incompleto: 96.157
1º grau Completo: 30.911
2º grau Completo: 16.869
3º grau Completo: 2.140
Anos de estudo não determinados: 1.999

Creches

Públicas: 9
Particulares: 1

Escola de Educação Infantil:

Pública: 7

Particular: 4

Estabelecimentos de Ensino Fundamental:

Estadual: 25

Municipal: 7

Particular: 5

Estabelecimentos de Ensino Médio :

Estadual: 14

Municipal: -

Particular: 2

Moradia

Residências Particulares: 44.026

Residentes em Favelas: 7.748

Moradores de Rua: 12

Saúde

Hospitais: -

Postos de Saúde: 6

Esperança de vida

Homens: 65,2 em anos

Mulheres: 74,7 em anos

Taxa anual de Mortalidade

Geral: 5,45

Infantil: 18,62

Óbitos anuais por:

Acidentes de Trânsito: 19

Homicídios: 113

Suicídios: 7

Outros (causas externas): 25

Aids: 24

Fonte: IBGE 1996-2000

Este distrito situado na Zona Leste abrange os bairros Parque Guarani, Jardim Aurora, Vila Suíça, Jardim São Nicolau, Burgo Paulista, Vila Verde, Jardim Norma, Vila Taguari, Parada Quinze, Vila Carmosina, Vila Regina, Jardim Cleide, Conjunto Habitacional José Bonifácio.

Itaquera

estatística do distrito

Distrito: Itaquera

Estimativa Populacional em 2000: 191.494
Taxa anual de Crescimento: 1,03
Taxa anual de Natalidade: 22,56
Anualmente Migram para esse distrito: 1.375 pessoas

Estabelecimentos Comerciais

Total de Estab. Comerciais: 878
Na área de:
Agropecuária: 1
Extração Mineral: 1
Indústria: 161
Indus. Utilidade Pública: 2
Construção Civil: 37
Comércio: 403
Serviços: 273

Empregos

Média anual de Empregos no setor de:
Agropecuária: 19
Extração Mineral: 56
Indústria: 1.358
Indus. Utilidade Pública: 111
Construção Civil: 1.914
Comércio: 2.111
Serviços: 2.968

Ensino

Frequência de estudantes em 1996: 171.188
Escolaridade com:
Menos de 1 ano de escola: 12.615
1º grau Incompleto: 91.246
1º grau Completo: 33.165
2º grau Completo: 26.512
3º grau Completo: 4.733
Anos de estudo não determinados: 2.917

Creches

Públicas: 8

Particulares: 4

Escola de Educação Infantil:

Pública: 6

Particular: 11

Estabelecimentos de Ensino Fundamental:

Estadual: 22

Municipal: 5

Particular: 11

Estabelecimentos de Ensino Médio :

Estadual: 11

Municipal: -

Particular: 4

Moradia

Residências Particulares: 46.814

Residentes em Favelas: 5.968

Moradores de Rua: 9

Saúde

Hospitais: 1

Postos de Saúde: 8

Esperança de vida

Homens: 65,2 em anos

Mulheres: 74,7 em anos

Taxa anual de Mortalidade

Geral: 5,64

Infantil: 16,99

Óbitos anuais por:

Acidentes de Trânsito: 22

Homicídios: 98

Suicídios: 9

Outros (causas externas): 27

Aids: 28

Fonte: IBGE 1996-2000



ITAQUERA

O nome Itaquera é de origem Guarani e quer dizer "Pedra a Dormir" (Ita-Aker). A data de fundação do Bairro ainda é uma incógnita. A primeira referência de que se tem notícia é de 1686, quando o nome aparece em uma Carta de Sesmaria.

No entanto, data de 1820, a primeira referência sobre a povoação de Itaquera, onde existia um simples e precário rancho conhecido como a "Casa Pintada" Ali os viajantes paravam para descansar e reabastecer.

A povoação de Itaquera começa a se desenvolver mesmo a partir da inauguração da estação de trem local, no dia 6 de novembro de 1875, data escolhida pela comunidade como a do aniversário, apesar de toda a polêmica em torno da verdadeira idade.

O distrito de Itaquera localiza-se na porção oriental do Estado de São Paulo. A estrutura geológica da área é constituída de rochas muito antigas do tipo cristalino, como granitos da era arqueozóica, rochas metamórficas, gnaissicas e micaxistos micáceos. Geologicamente a unidade estrutural é representada por um conjunto de superfícies elevadas cristalinas profundamente trabalhadas pela erosão que as reduziu a níveis entre 700 e 800 metros de altitude.

Topograficamente é uma região de morros cujas elevações mamelonares evidenciam o intenso trabalho erosivo das águas superficiais.

O principal rio que banha a área de Itaquera é o Jacu. Hidrograficamente pode-se dizer que a área é bem servida por uma densa rede de rios todos afluentes e sub-afluentes do Tietê. São rios pouco expressivos, sendo os principais eixos: Jacu, Itaquera e Aricanduva.

Em fins do século XIX, a comunidade teve um dia de festa. Chegava ao povoado o sistema de transporte desbravador dos sertões. O progresso ganhava um incentivo maior em Itaquera ,quando parou no bairro a primeira "Maria-Fumaça" da antiga Estrada de Ferro do Norte. Estava começando também a era do automóvel,depois vieram o motor a diesel, a explosão, a manivela, a eletricidade , a vapor...como aquele da locomotiva que chegava pela primeira vez em Itaquera e através dos tempos passou a ser símbolo de desenvolvimento do bairro trazendo e levando pessoas através dos trilhos ferroviários que cortaram planícies e montanhas no passado, para chegar ao presente rodeados de casas, casebres, fábricas barracos e favelas.

O progresso foi chegando de forma desordenada e na esteira da industrialização paulista, o povoado tranquilo de Caaguassu se transformou na grande Itaquera de hoje.

São Miguel

Este distrito situado na Zona Leste abrange os bairros Vila Rosaria, Vila DoutoráEiras, Vila São Silvestre, Vila América, Vila Pedroso, Parque Sônia, Vila Giordano, Vila Progresso, Vila Aparecida.

estatística do distrito

Distrito: S.Miguel Paulista

Estimativa Populacional em 2000: 221.103

Taxa anual de Crescimento: 0,13

Taxa anual de Natalidade: 20,10

Anualmente Migram para esse distrito: 2.985 pessoas

Estabelecimentos Comerciais

Total de Estab. Comerciais: 2.128

Na área de:

Agropecuária: 2

Extração Mineral: 1

Indústria: 621

Indus. Utilidade Pública: 5

Construção Civil: 95

Comércio: 779

Serviços: 625

Empregos

Média anual de Empregos no setor de:

Agropecuária: 13

Extração Mineral: 20

Indústria: 17.351

Indus. Utilidade Pública: 16

Construção Civil: 752

Comércio: 4.141

Serviços: 8.189

Ensino

Frequência de estudantes em 1996: 201.982

Escolaridade com:

Menos de 1 ano de escola: 15.541

1º grau Incompleto: 101.082

1º grau Completo: 37.510

2º grau Completo: 34.466

3º grau Completo: 11.641

Anos de estudo não determinados: 1.742

Creches

Públicas: 14

Particulares: 15

Escola de Educação Infantil:

Pública: 8

Particular: 35

Estabelecimentos de Ensino Fundamental:

Estadual: 16

Municipal: 9

Particular: 18

Estabelecimentos de Ensino Médio :

Estadual: 8

Municipal: -

Particular: 6

Moradia

Residências Particulares: 59.916

Residentes em Favelas: 44.119

Moradores de Rua: 13

Saúde

Hospitais: 2

Postos de Saúde: 12

Esperança de vida

Homens: 65,2 em anos

Mulheres: 74,7 em anos

Taxa anual de Mortalidade

Geral: 6,29

Infantil: 13,02

Óbitos anuais por:

Acidentes de Trânsito: 16

Homicídios: 129

Suicídios: 7

Outros (causas externas): 28

Aids: 34

Fonte: IBGE 1996-2000

Este distrito situado na Zona Leste abrange os bairros Parque Botumissu, Vila Paranagu, Jardim Belém, Vila Cisper, Jardim Verônica, Vila Silvia, Vila Cisper, Jardim Matarazzo.

Ermelino Matarazzo

estatística do distrito

Distrito: Ermelino Matarazzo

Estimativa Populacional em 2000: 112.240
Taxa anual de Crescimento: 1,93
Taxa anual de Natalidade: 23,34
Anualmente Migram para esse distrito: 1.300 pessoas

Estabelecimentos Comerciais

Total de Estab. Comerciais: 605
Na área de:
Agropecuária: 1
Extração Mineral: -
Indústria: 142
Indus. Utilidade Pública: -
Construção Civil: 32
Comércio: 263
Serviços: 167

Empregos

Média anual de Empregos no setor de:
Agropecuária: 2
Extração Mineral: -
Indústria: 2.215
Indus. Utilidade Pública: -
Construção Civil: 286
Comércio: 1.034
Serviços: 1.372

Ensino

Frequência de estudantes em 1996: 97.173
Escolaridade com:
Menos de 1 ano de escola: 7.371
1º grau Incompleto: 52.679
1º grau Completo: 19.473
2º grau Completo: 14.122
3º grau Completo: 2.611
Anos de estudo não determinados: 917

Creches

Públicas: 9

Particulares: 6

Escola de Educação Infantil:

Pública: 4

Particular: 14

Estabelecimentos de Ensino Fundamental:

Estadual: 16

Municipal: 2

Particular: 7

Estabelecimentos de Ensino Médio :

Estadual: 6

Municipal: -

Particular: 2

Moradia

Residências Particulares: 27.464

Residentes em Favelas: 5.011

Moradores de Rua: 15

Saúde

Hospitais: 1

Postos de Saúde: 5

Esperança de vida

Homens: 65,2 em anos

Mulheres: 74,7 em anos

Taxa anual de Mortalidade

Geral: 5,08

Infantil: 13,94

Óbitos anuais por:

Acidentes de Trânsito: 12

Homicídios: 48

Suicídios: 2

Outros (causas externas): 17

Aids: 16

Fonte: IBGE 1996-2000

Este distrito situado na Zona Sudeste abrange os bairros Jardim Nove de Julho, Jardim Cinco de Julho, Jardim Tietê, Cidade IV Centenário, Jardim Imperador, Jardim Nova Carrão, Jardim das Rosas, Jardim Colonial, Parque São Lourenço.

São Mateus

história do bairro



SÃO MATEUS

A história de São Mateus remonta do século passado (Século XIX). Mais precisamente ao ano de 1.842, época em que existia uma fazenda de propriedade de João Francisco Rocha, onde se criavam cavalos, carneiros e bois. Posteriormente, a fazenda foi adquirida por Antônio Cardoso de Siqueira, que optou por dividi-la em 05 (cinco) glebas.

Já no século XX, na década de 40, tudo não passava de uma grande fazenda: a Fazenda Rio das Pedras. Em 1.946, uma gleba de 50 alqueires de terras foi vendida à Família Bei (Mateo e Salvador Bei), dando origem a fazenda São Mateus. Dois anos depois da aquisição das terras, em 1948, Mateo Bei, o patriarca da família, decide lotear a área e vende os primeiros lotes com total sucesso, surgindo dessa iniciativa o bairro de São Mateus. Para personalizar a importância dela, foi celebrada a primeira missa em ação de graças, no dia 08 de Dezembro do mesmo ano, pelo bispo Dom Antônio de Macedo.

"Cidade São Mateus" foi o nome escolhido por Salvador Bei, em homenagem ao pai, Mateo Bei, que mais tarde teve seu nome dado, também, à primeira avenida do bairro (atualmente, o principal ponto de referência do bairro). O termo cidade foi empregado porque todos da Família Bei tinha convicção de que o bairro um dia se transformaria em uma grande cidade.

Nildo Gregório da Silva, já falecido, foi quem iniciou o trabalho de abertura das ruas em 16 de Dezembro de 1946, às 7 horas da manhã. Foi puxando burros, que ele, então, dava à abertura da Avenida Mateo Bei, exatamente no marco "zero", na Avenida Caguaçu, mais tarde Avenida Rio das Pedras.

Em meio às recordações, Nildo Gregório da Silva, funcionário de uma empresa e responsável pela terraplanagem da Avenida, conta como tudo aconteceu: "Naquela época, eu morava em São Miguel Paulista e a minha empresa foi contratada por Mateo Bei para fazer o serviço. Não medimos esforços e sob o sol que despontava, demos início às obras, num clima de euforia e dedicação."

Mas Nildo continuava a residindo em São Miguel. Para chegar em São Mateus às 8 horas, tinha que sair de casa às 3 horas da madrugada, tomar três conduções e ainda andar cerca de 12 quilômetros a pé até o Largo Carrão para pegar outro ônibus. Essa via-sacra durou três anos, quando apareceu um pau-de-arara, muito comum na época, fazendo lotação. Ele trabalhou durante anos na aberturas das ruas e, em pouco tempo, assumiu a identidade de um defensor do bairro.

Foi Nildo Gregório da Silva quem fundou em 1952, a Associação Divulgadora "A Voz da Colina", um instrumento para as reivindicações de melhorias da região em diversos setores: transportes, educação, saúde e lazer. "Entra no ar a nossa divulgadora A Voz da Colina, uma voz amiga que cruza os céus de Piratininga". Esse prefixo ficou na história de São Mateus.

Mateo Bei foi, também, um lutador incansável que dedicou-se à formação cultural e sócio-econômica de São Mateus. Foram muitos anos de perseverança e fé. E, em agradecimento a tudo que fez por São Mateus, seu nome foi dado a uma praça, situada no início da avenida Mateo Bei.

Vindo a velhice, seus descendentes continuaram a trilhar pelo caminho que lhes ensinara o tenaz batalhador, da propriedade que a todos honra. Algum tempo depois os filhos e o genro adquiriram para mais de um milhão de metros quadrados, na antiga "Fazenda do Oratório" em homenagem ao respeito e às lições deixadas pelo ente querido; lotearam-na, fazendo da gleba uma verdadeira comunidade - que culminou em mais do que isso: um bairro-cidade.

Deixando um legado de lutas e conquistas como herança aos familiares e aos moradores de São Mateus, Mateo Bei faleceu em 11 de maio de 1956.

Esforço e dedicação sempre estiveram presentes na História da Cidade de São Mateus. Um bairro que nasceu e cresceu através das lutas populares. Aqui, pessoas de credos, raças e tendências políticas, das mais diversas, se reuniram num só objetivo: Transformar este lugar da Zona Leste da Capital num bairro de fato.

Assim, era chegada a hora do comércio ocupar seu espaço e dar um novo impulso ao recente bairro. O primeiro ponto comercial do bairro surgiu em 1949, o Empório do Eustáquio, seguido pelo Empório do Maninho no ano seguinte.

Os lotes da Avenida Mateo Bei valorizavam a cada dia (o valor de um lote de 350 m² custava 7.500 cruzeiros) e a solidariedade foi o fator básico para o crescimento de São Mateus. A Loteadora Bei Filho doava 500 telhas e dois mil tijolos aos novos proprietários (material este transportado das olarias em carros-de-boi), que, através de mutirões, levantavam suas casas.

Tudo era muito difícil naquela época, principalmente o transporte. Como não havia empregos no bairro, os moradores tinham de se deslocar para o centro ou então para os outros bairros. No início, a Jardineira do Manoel, ou pau de arara, era o único meio de transporte e levava os moradores até o Largo do Carrão.

Em 1950 dois ônibus começaram a fazer o itinerário até a avenida João XXIII. O percurso era longo e as ruas cheias de buracos e poeira. Os passageiros tinham que dividir o espaço com galinhas e outros animais, além das tranqueiras que eram transportadas. Em dias de chuva, era impossível realizar todo o percurso, sendo necessário várias baldeações.

Foi somente em 1952 que a primeira linha de ônibus coletivo passou a funcionar (através da Empresa Cometa) indo até a Avenida Sapopemba. Depois veio a empresa de ônibus Vila Carrão. Outras empresas se instalaram no bairro nas décadas de 70 e 80, contudo, até os dias de hoje o transporte é um dos principais problemas do bairro.

Foi na década de 50 que os moradores se organizaram para pedir melhorias. Primeiro pediram escolas, iluminação e transporte. Depois, a luta foi pela implantação do asfalto, redes de água e esgoto, iluminação pública e outros serviços, como delegacias e agência dos Correios.

A construção de uma escola para São Mateus foi uma luta árdua dos moradores, pois a escola mais próxima distanciava sete quilômetros, entre Vila Nova Iorque e Vila Antonieta. A maioria das crianças ia a pé, porque não dispunha de dinheiro para pegar condução. Segundo constam os historiadores, em 1952, o estupro de uma criança de dez anos foi a gota d'água para que outra luta começasse. Somente em 1955, a Secretaria da Educação e Cultura construiu um galpão de madeira. Era a primeira escola de São Mateus que nascia.

Os problemas cresciam e a comunidade teria que ser mais rápida. Outro fato que merece registro diz respeito à fundação da paróquia - da Igreja Católica - que data de 1958.

Bairro que tem uma história de lutas: São Mateus tem a oferecer a seus moradores uma perspectiva de desenvolvimento que foge à estagnação econômica e ao pessimismo de alguns. São Mateus, até pelos exemplos de seu fundador Mateo Bei, não tem decepcionado aos que aqui investem - os que lutam em seu dia-a-dia, com perseverança e dinamismo, estão aí, no comércio, nos negócios e na vida cotidiana, colhendo os frutos.

Hoje São Mateus tem praticamente tudo: bancos, comércio diversificado, indústrias e setores de prestação de serviços. Recentemente, a briga foi pela implantação de um Cartório de Registro Civil, vitória esta conquistada com sua inauguração em 05/06/2000. Agora, a comunidade se esforça para organizar um movimento pela implantação de um Fórum: mais uma luta em prol do desenvolvimento

Distrito: São Mateus

Estimativa Populacional em 2000: 104.098
Taxa anual de Crescimento: 1,21
Taxa anual de Natalidade: 25,39
Anualmente Migram para esse distrito: 1.179 pessoas

Estabelecimentos Comerciais

Total de Estab. Comerciais: 1.099
Na área de:
Agropecuária: 2
Extração Mineral: 1
Indústria: 111
Indus. Utilidade Pública: 4
Construção Civil: 38
Comércio: 611
Serviços: 332

Empregos

Média anual de Empregos no setor de:
Agropecuária: 4
Extração Mineral: 341
Indústria: 2.234
Indus. Utilidade Pública: 402
Construção Civil: 349
Comércio: 3.870
Serviços: 6.353

Ensino

Frequência de estudantes em 1996: 95.776
Escolaridade com:
Menos de 1 ano de escola: 8.230
1º grau Incompleto: 50.262
1º grau Completo: 18.597
2º grau Completo: 14.707
3º grau Completo: 3.392
Anos de estudo não determinados: 588

Creches

Públicas: 7
Particulares: 4

Escola de Educação Infantil:

Pública: 4
Particular: 11

Estabelecimentos de Ensino Fundamental:

Estadual: 12
Municipal: 6
Particular: 13

Estabelecimentos de Ensino Médio :

Estadual: 11
Municipal: 1
Particular: 7

Moradia

Residências Particulares: 27.150

Residentes em Favelas: 5.814

Moradores de Rua: 22

Saúde

Hospitais: 2

Postos de Saúde: 4

Esperança de vida

Homens: 65,2 em anos

Mulheres: 74,7 em anos

Taxa anual de Mortalidade

Geral: 6,85

Infantil: 22,35

Óbitos anuais por:

Acidentes de Trânsito: 13

Homicídios: 40

Suicídios: 9

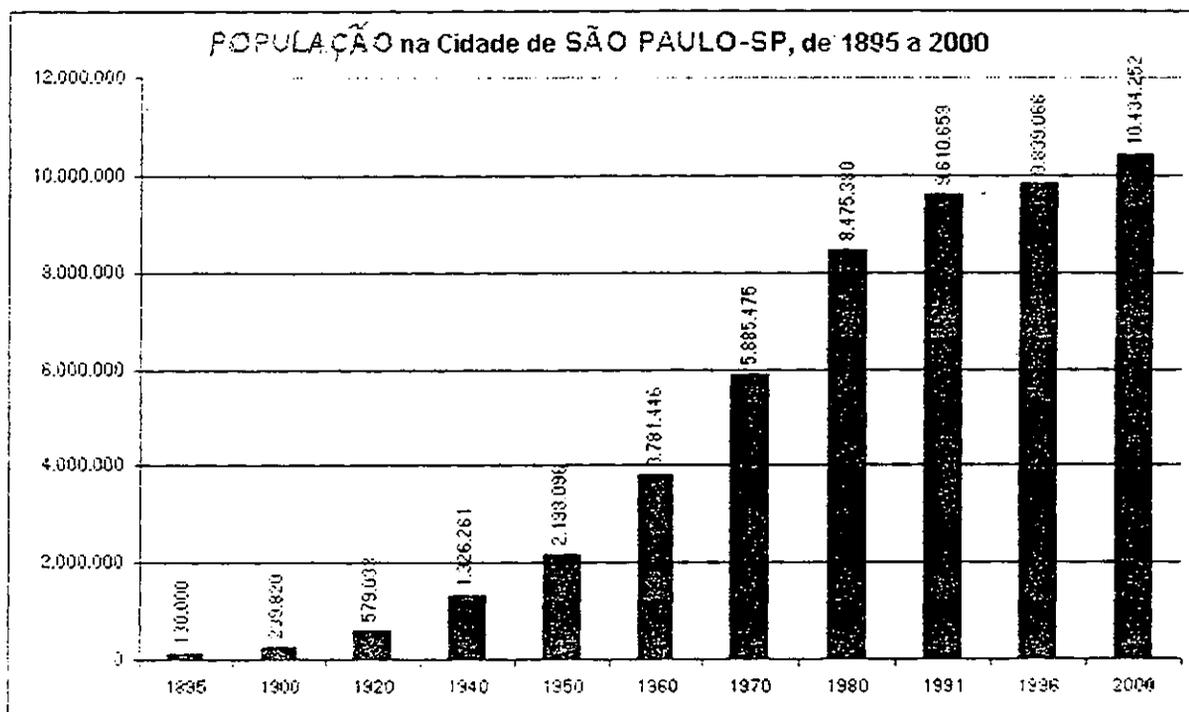
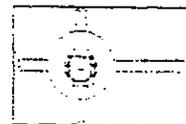
Outros (causas externas): 23

Aids: 13

Fonte: IBGE 1996-2000



São Paulo - SP



Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - Veja: www.ibge.gov.br

População

O que é População?

É o conjunto de habitantes de uma cidade, de um estado, de um país.

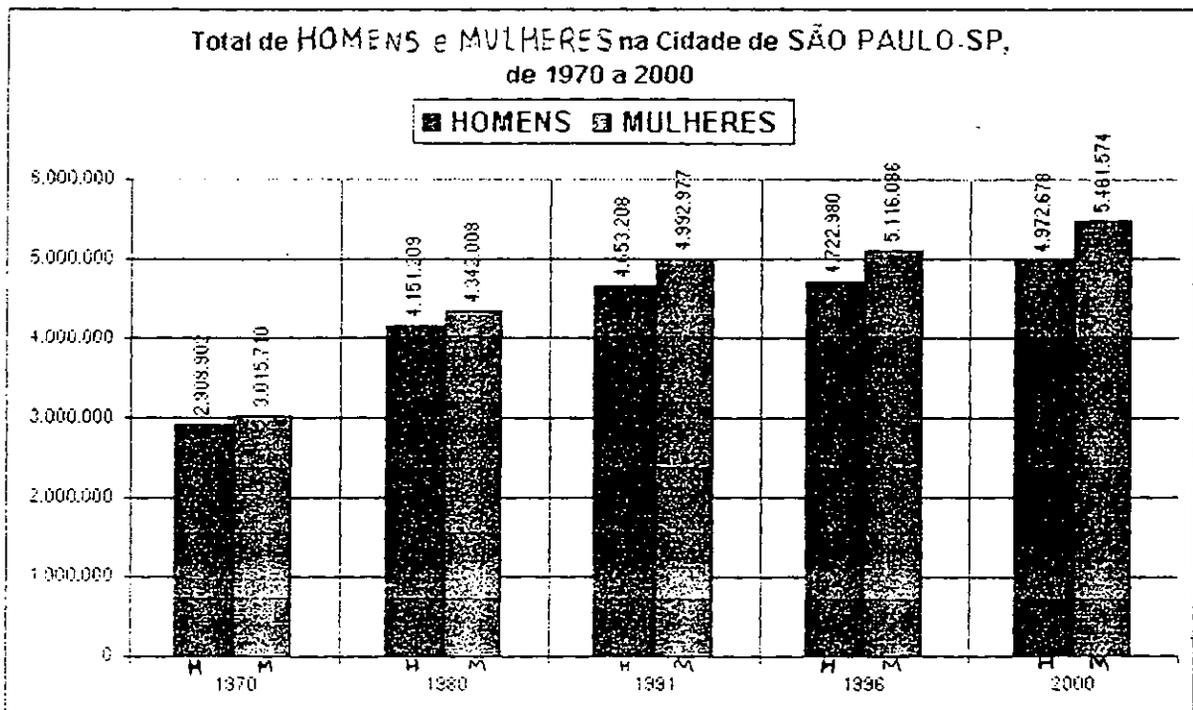
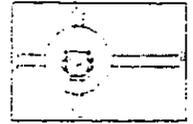
O que é Censo Demográfico?

É a coleta de dados dos domicílios e os habitantes de um município.

A contagem da população é feita por pessoas treinadas pelo IBGE, com o objetivo de preencher questionários que vão resultar na tabulação e conclusão dos dados pesquisados.



São Paulo - SP



Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - Veja: www.ibge.gov.br

Total de Homens e Mulheres

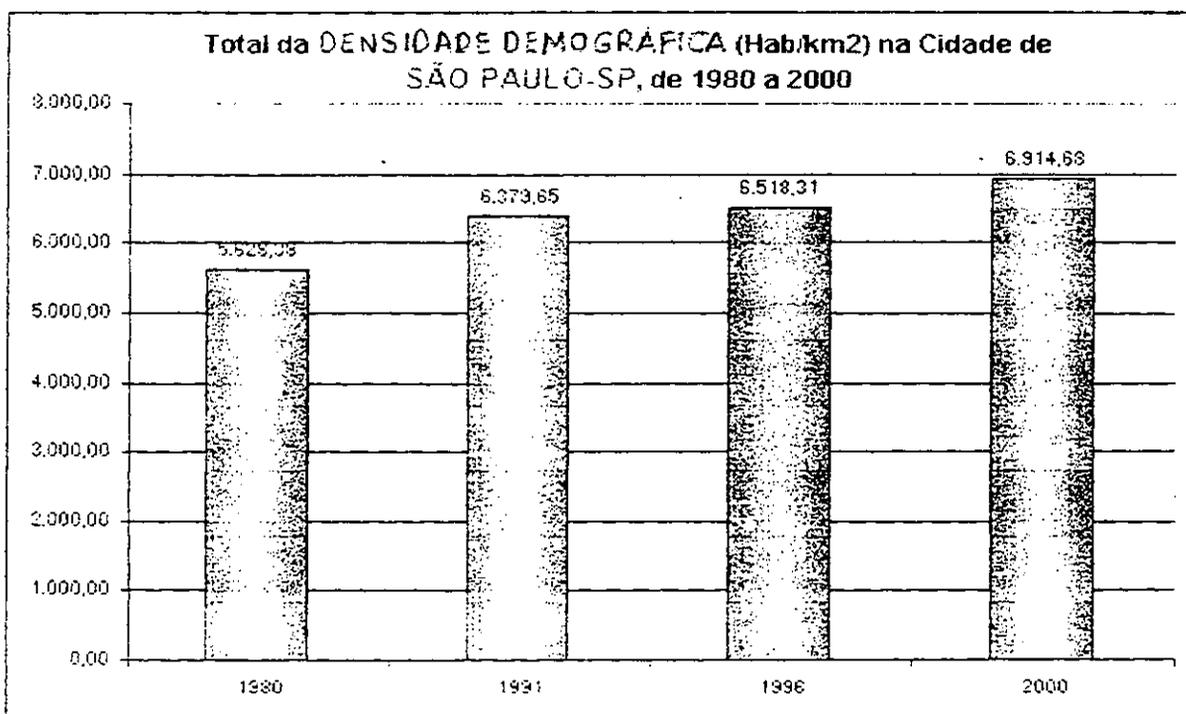
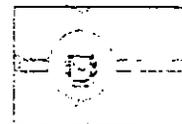
O que é o Total de Homens e Mulheres?

É o estudo para comparar a quantidade de **Homens** com a quantidade de **Mulheres** residentes

em um determinado município. Podem existir casos que a população **Masculina** fique maior que a **Feminina** ou vice-versa, conforme demonstrado no gráfico acima.



São Paulo - SP



Fontes: 1 - IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - www.ibge.gov.br
2 - IGC - Instituto Geográfico e Cartográfico - www.igcusp.br
3 - SEADE - Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - www.seade.gov.br

Densidade Demográfica

○ que é Densidade Demográfica?

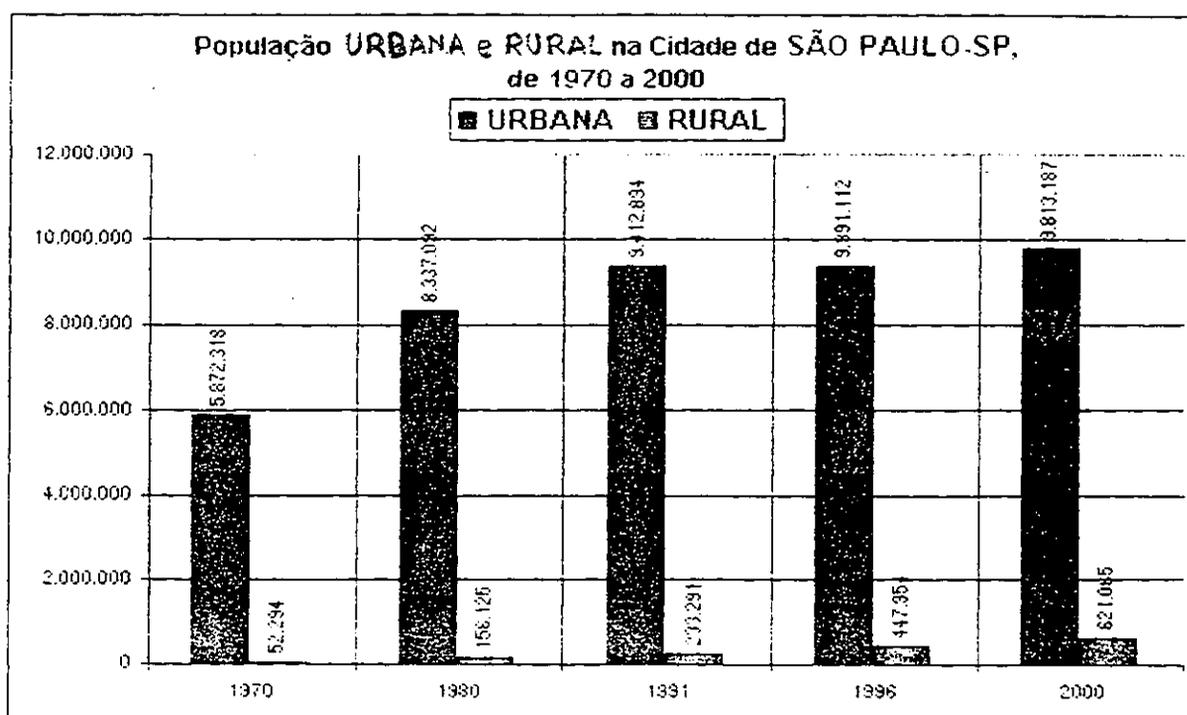
— É o número de habitantes residentes de uma unidade geográfica em determinado momento,

em relação à área dessa mesma unidade. A Densidade Demográfica é um índice utilizado

para verificar a intensidade de ocupação de um território.



São Paulo - SP



Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - Veja: www.ibge.gov.br

População Urbana e Rural

O que é Censo Demográfico da População Urbana e Rural?

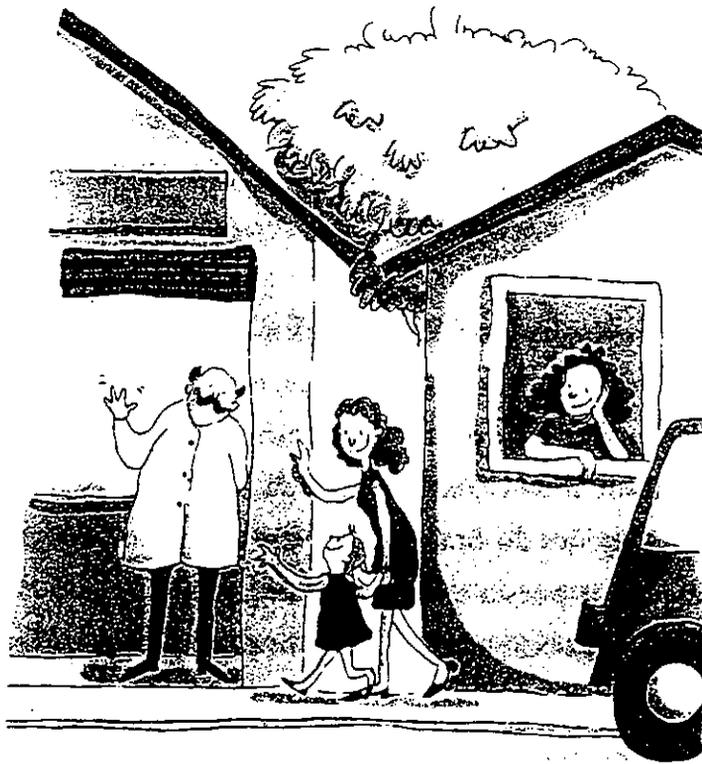
É a contagem de todos os habitantes que vivem na área URBANA, comparando-os com todos

os habitantes que vivem na área RURAL.

Este estudo tem o objetivo de analisar o "ÊXODO RURAL" onde, a partir da década de 70 existiu a migração dos habitantes do campo para a cidade.

Atividades da Coleção

Viver, Aprender



Unidade 2: Onde eu vivo

As atividades propostas nesta unidade têm como objetivo desenvolver a capacidade de observar, descrever e representar os espaços de vivência, utilizando, para isso, diferentes lugares e cidades brasileiras como referência.

Como recurso privilegiado trabalha-se com imagens (fotografias, mapas e desenhos) e textos poéticos que retratam diferentes lugares.

De acordo com a observação e leitura desses materiais, os educandos serão convidados a reconhecer, nomear e analisar, de um ponto de vista crítico, o seu lugar de vivência, reescrevendo textos poéticos e levantando informações sobre o espaço onde vivem.

Atividades em destaque

Página

125

Onde eu moro

Proponha que pesquisem sobre a história da cidade, que entrevistem moradores antigos, pesquisem em bibliotecas, repartições públicas, jornais etc. Durante a pesquisa faça que os alunos percebam a necessidade de organizar as informações coletadas catalogando o material e agrupando-o por assunto (fotos da cidade, textos históricos, textos descritivos, notícias atuais publicadas no jornal etc.).

Com o material dessa pesquisa organize um painel com a classe, criando títulos para cada grupo de informações que serão apresentadas, como, por exemplo: “A cidade no passado”, “Problemas enfrentados pela população”, “Pontos turísticos e o patrimônio histórico”, “Cidadãos ilustres”.

Planeje a execução da atividade, garantindo momentos para que os educandos apresentem os resultados de suas pesquisas, organizando os grupos e os horários de trabalho para que arrumem seu material, discutam suas observações e montem o painel.

Finalmente, a última proposta referente a esse conjunto de atividades é o preenchimento de um quadro informativo sobre a cidade. Solicite aos alunos que formem duplas para realizarem a atividade. Leia cada pergunta ou informação que aparece no quadro e deixe que discutam e justifiquem suas respostas. Quando a classe chegar a uma conclusão, peça aos educandos que completem o quadro. Explique como se responde a uma questão de múltipla escolha e comente que esse tipo de questão aparece frequentemente em formulários de entrevistas.

Nos momentos em que os alunos estiverem trabalhando sozinhos ou em grupo, aproveite para observar se conseguem desenvolver autonomamente o trabalho ou se necessitam de monitoramento do professor ou de um colega. Atenda individualmente os alunos que apresentarem dificuldade na realização da atividade.

Observação

e Registro



Outras cidades

Leia cada um dos poemas de Manuel Bandeira, Ulisses Tavares e Carlos Eduardo Novaes em voz alta e observe se os educandos reconhecem as cidades retratadas em cada poema. Peça para que copiem o poema de que mais gostaram e oriente-os no uso do caderno e da folha pautada.

No poema de Carlos Eduardo Novaes usa-se a estrutura de uma receita, listando os ingredientes que dão origem ao caos do trânsito carioca. Apontando elementos desproporcionais, como o número de vagas para estacionar e o número de carros que circulam no centro do Rio de Janeiro, o autor tenta mostrar um dos principais problemas dos centros urbanos. Propomos no livro uma exploração matemática desse poema, ou seja, dos números, das grandezas e das proporções a que se refere. Solicite aos alunos que formem duplas, releia o poema em voz alta e explique cada uma das perguntas. Observe os procedimentos de cálculo que os educandos utilizam para obter as respostas.

Arredores da escola

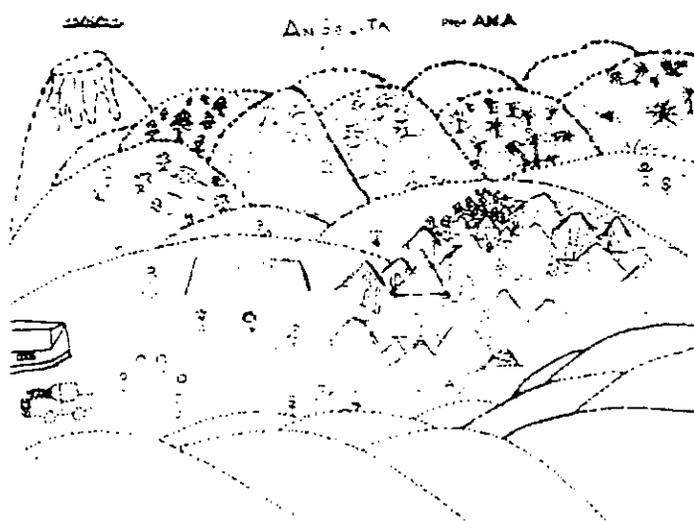
Nesta atividade os alunos serão convidados a olhar um lugar que lhes é familiar de um outro ponto de vista. O objetivo dessa atividade é propiciar uma oportunidade para os educandos organizarem mentalmente um espaço conhecido — os arredores da escola — descrevendo a paisagem. Os desafios dos alunos serão observar esse lugar, registrando os pontos de referência, a organização e distribuição de moradias e estabelecimentos comerciais, os serviços públicos oferecidos (transportes públicos, postos de saúde, creches, escolas etc.); e representar esses elementos em forma de desenho que possa ser interpretado por outras pessoas.

Prepare os alunos, expondo o objetivo dessa atividade. Organize-os em grupos, peça para que escolham dois participantes do grupo para fazer anotações e dois responsáveis pela observação do espaço. Leia a proposta apresentada no livro e oriente-os para a observação minuciosa dos arredores, exemplifique quais pontos de referência deverão observar e a área que percorrerão (por exemplo, o quarteirão em que fica a escola). Marque um horário e o ponto de encontro dos grupos. Acompanhe os grupos nesse estudo.

Quando retornarem, ajude os alunos a organizarem as informações que coletaram. Você pode montar uma tabela para que cada grupo preencha, como esta:

Rua ou local em que estavam	O que observaram	Símbolos (desenhos para representar o que observaram)
Rua das Camélias (rua asfaltada)	Supermercado Baratotal Residências Ponto de ônibus Orelhão Igreja São Francisco de Assis	

O passo seguinte é a elaboração do desenho dos arredores, localizando o que observaram. Por meio de exemplos, explique como utilizar os símbolos para representar pontos de referência e a importância de fazer uma legenda que acompanhe o desenho que explica o que significa cada símbolo. Se houver possibilidade, leve para a classe desenhos que representam outras localidades, como o que reproduzimos a seguir.



Desenho de Angélica Ribeiro (UFPA-SAME, Porto Alegre)



Com esta atividade, os alunos terão feito mais uma aproximação às convenções da representação cartográfica (mapas), conteúdo que pode ter muitas utilidades no dia-a-dia e que os alunos terão oportunidade de aprofundar ao seguirem sua escolaridade.

Paraíso

O poema de José Paulo Paes foi criado com base na cantiga de roda *Se esta rua fosse minha*. Leia a letra original e a versão do autor sobre a cantiga, explore o conteúdo, a estrutura, as rimas de cada uma delas como referência para que os educandos possam escrever seus próprios textos. Solicite a eles que retomem as informações sobre o lugar em que vivem, e pensem em alternativas para resolver alguns dos problemas que existem nesse lugar (rua, bairro, cidade, país) de modo que ele se transforme em um lugar bom para viver.

Após a leitura em voz alta do poema, leia as perguntas que aparecem no livro, discuta as respostas e peça que as registrem. A seguir, releia o poema e proponha que o reescrevam, pensando no lugar em que vivem e como seria possível transformá-lo num “paraíso”. Leia as produções dos educandos e faça as correções individualmente. Oriente a reescrita dos textos e depois solicite aos educandos que leiam seus textos para a classe.

Para fazer a revisão das produções dos alunos, eleja os elementos que considera importantes para a melhoria de seus textos. Como a estrutura do texto já está dada e seu conteúdo discutido, vale a pena observar as questões ortográficas e trabalhá-las com os alunos de acordo com o domínio do mecanismo de escrita de cada um (se um aluno usa uma letra para representar cada emissão sonora — sílaba — você irá rever aspectos em sua escrita diferentes daqueles da escrita de quem comete erros de ortografia por escrever do jeito que fala). Você pode observar se conseguiram, em suas produções, usar as rimas.

Página

134

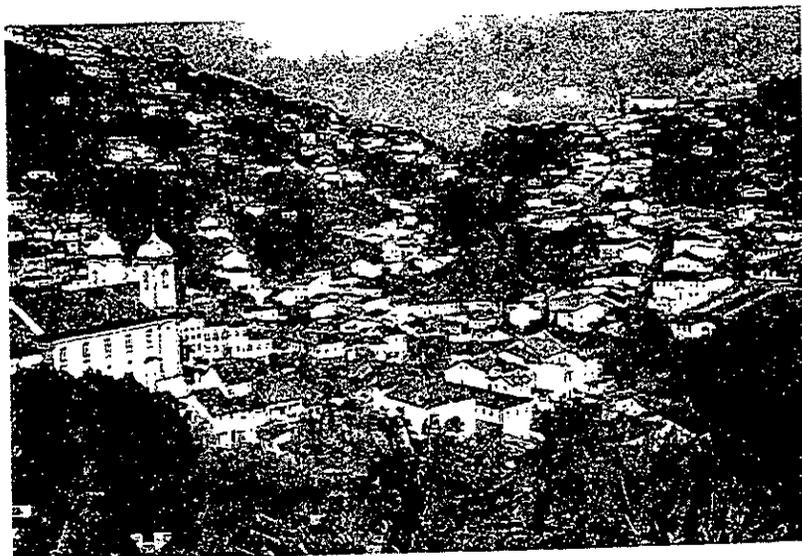
Observação

e Registro

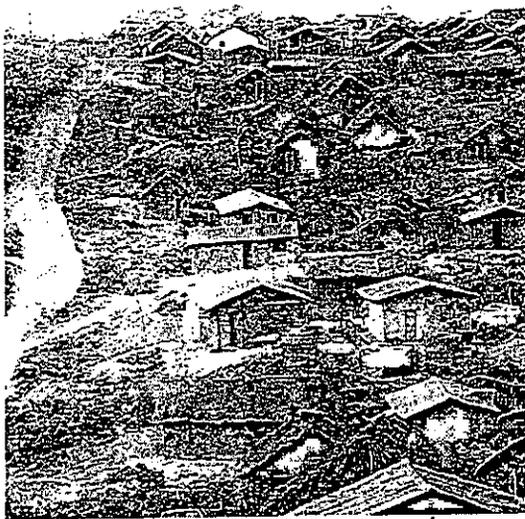


Unidade 2:
Onde eu vivo

Retratos do Brasil



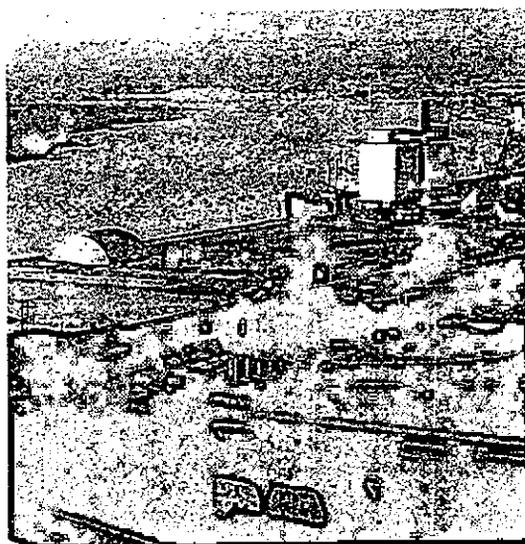
Ouro Preto, MG



Teresina, PI



Rio Tocantins, TO



Porto Alegre, RS



Natal, RN

1. Prepare um relato oral sobre como era o lugar em que você nasceu. Procure lembrar-se das cores, das formas, dos cheiros, dos sabores, da temperatura e de outras características marcantes desse lugar.
2. Escolha um colega para trabalhar em dupla. Conte seu relato para ele e peça para ele desenhar o lugar que você descreveu. Então será a vez dele contar o relato e de você desenhar o lugar descrito. Depois, analisem os desenhos. Estão bem-feitos? Representam bem as descrições? Que detalhes estão faltando?

Onde eu moro

Você conhece a história da cidade onde mora?

Faça uma pesquisa e descubra: quantos anos ela tem, a origem de seu nome, quando foi sua fundação e quem a fundou. Se houver um prédio da época de sua fundação, descubra quem o construiu.

Traga fotos para a sala de aula e outras informações que conseguir. Todos conhecerão um pouco mais sobre a história da cidade onde vivem.

Em pequenos grupos, organizem as informações e as imagens coletadas e montem um painel.

Preencha o quadro abaixo com as características de sua cidade:

Nome da cidade: _____

Estado: _____ País: _____

Onde fica sua cidade?

- () No litoral, junto ao mar.
- () No interior, longe do mar.

Como é este lugar?

- () Um lugar plano.
- () Um lugar cheio de morros.
- () Um vale, entre morros.

Como é o clima em sua cidade?

- () Faz calor.
- () Faz frio.
- () A temperatura é amena.

Quais os principais meios de transporte de sua cidade?

() Ônibus e automóvel () Canoa ou barco () Animais

Quais os meios de comunicação de sua cidade?

() Telefone
() Correios e telégrafos
() Estação de rádio
() Estação de televisão
() Jornais e revistas

Tem áreas de lazer?

() Cinemas
() Teatros
() Museus
() Parques
() Outras: _____

Há bibliotecas em sua cidade? () sim () não

Há escolas públicas? () sim () não

Há creches públicas? () sim () não

Há universidade pública? () sim () não

Há postos de saúde? () sim () não

Há hospitais públicos? () sim () não

Há corpo de bombeiros? () sim () não



Outras cidades

Vamos ler outros poemas que falam sobre *cidades*.

Minha terra

Manuel Bandeira

Saí menino de minha terra.
Passei trinta anos longe dela.
De vez em quando me diziam:
Sua terra está completamente mudada,
Tem avenidas, arranha-céus...
É hoje uma bonita cidade!

Meu coração fica pequenino.

Revi afinal o meu Recife.
Está de fato completamente mudado.
Tem avenidas, arranha-céus.
É hoje uma bonita cidade.

Diabo leve quem pôs bonita a minha terra!

Ulisses Tavares

amanhece a cidade
em colorida cerração
ou será bonita
a poluição

Pegue

1.800 ônibus cheios e fumegantes;

70 mil carros particulares;

30 mil vagas;

centenas de caminhões;

17 mil táxis;

1 milhão de pedestres

e misture bem (não precisa bater).

Adicione 1.489 buracos

500 sinais sem sincronia

250 guardas sem iniciativa.

Leve tudo ao forno do centro da cidade.

E em menos de cinco minutos estará

pronto o maior bolo do mundo,

chamado trânsito carioca.

1. Copie o poema que mais lhe agradou.
2. Faça uma quadra sobre sua cidade.

Muitas vezes, falamos sobre quantidades sem nos preocuparmos se são quantidades exatas. Provavelmente, os números que aparecem no poema de Carlos Eduardo Novaes não são exatos, mas revelam uma impressão sobre a cidade.

Considerando que os números do poema são aproximados, responda:

1. Será que há vagas suficientes para estacionar os carros que transitam no centro da cidade do Rio de Janeiro? Explique.

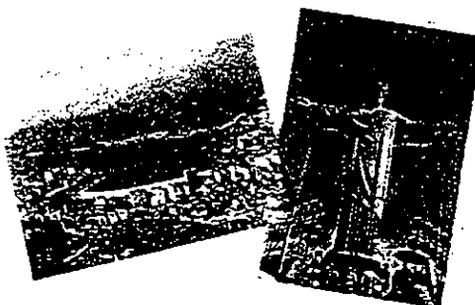
2. Será que é possível encontrar um guarda em cada sinal de trânsito no centro da cidade do Rio de Janeiro?

3. A população de sua cidade é maior ou menor que o número de pedestres que circulam pelo centro da cidade do Rio de Janeiro? Explique.

4. Escreva um número que você considera adequado para representar a expressão: "centenas de caminhões".

5. Compare sua resposta com a dos colegas. Agora copie todos os números que vocês consideraram adequados para representar essa expressão.

6. Quantos guardas faltam para poder colocar um em cada sinal de trânsito na cidade do Rio de Janeiro?



"...O Rio de Janeiro continua lindo..."

Você sabe onde fica a cidade do Rio de Janeiro? Conhece alguma coisa interessante sobre esse lugar?

Bairro, arredores e rua

Caderno de endereços

O endereço completo de uma casa ou de um estabelecimento contém muitas informações: o nome da rua, o número da casa, o nome do bairro, o código de endereçamento postal (CEP), o nome da cidade e do estado. Nem sempre conseguimos guardar todas essas informações na memória, por isso, é interessante fazer um caderno de endereços de pessoas e de locais úteis. O caderno de endereços é organizado em ordem alfabética para facilitar a busca de informações.

Escreva seu endereço.

Endereço: _____ nº _____ compl. _____

Bairro _____ Cidade _____ Estado _____

CEP _____

Você sabia que muitas cartas não chegam ao seu destino porque o envelope não é preenchido corretamente?

Remetente: Marilena Silva Rua Marcolina, 21 apto 32 Vila Maria - São Paulo - SP 05046-098	Selo Joaquim dos Santos Silva Rua Montes Claros, 23 A Juazeiro do Norte - Bahia 48900-000
--	---

Escolha alguém com quem você quer se corresponder e preencha o envelope com as informações necessárias. Traga o envelope para a saída de aula e mãos à obra.

Arredores da escola

1. Como você descreveria os arredores da sua escola a um amigo que não conhece esse lugar?
2. Se saíssemos da escola e olhássemos à esquerda, o que veríamos? E à direita?
3. Quais seriam bons pontos de referência para explicar o que há nos arredores da escola?

Você e seus colegas farão um desenho dos arredores da escola. Para tanto, saiam em pequenos grupos e registrem tudo o que julgarem importante para que esse lugar possa ser reconhecido: tipos de construções, serviços e estabelecimentos comerciais, paisagem, nomes das ruas, placas, avenidas e ruas, pontos de ônibus, linha de trem etc.

Em grupo:

1. Façam uma lista das coisas que observaram e criem uma legenda para representá-las.
2. Desenhem os arredores da escola, incluindo todas as coisas que observaram. Usem as legendas que vocês criaram para representar o que viram. Vejam exemplos de legenda:

Casas podem ser representadas por



Igrejas podem ser representadas por



Pontos de ônibus podem ser representados por



Ruas podem ser representadas por



Vegetação pode ser representada por



Telefones públicos podem ser representados por



3. Exponham o trabalho para a classe e comparem com os dos colegas. Observem o desenho, as legendas e os elementos encontrados por cada grupo nos arredores da escola.

Uma rua bem conhecida

Escolha uma rua que fique próxima ao local onde você mora e descreva como ela é (pode ser a rua onde mora).

Essa rua possui iluminação, esgoto, água encanada, asfalto, árvores, casas, prédios, estabelecimentos comerciais ou outros estabelecimentos? Há fácil acesso a ônibus? A rua tem mão única ou dupla? Há problemas que atrapalham os moradores ou as pessoas que passam nessa rua?

Em geral, um quarteirão mede aproximadamente 100 metros.

Responda:

1. Quanto mede um metro?

2. Quantos quarteirões tem a rua que você descreveu? Quantos metros ela mede aproximadamente?

3. Uma rua que tem seis quarteirões mede aproximadamente _____ metros.



Descubra onde mora cada pessoa:



1. André mora em uma casa que fica em uma esquina do lado par da rua.
2. A casa de Bia fica entre a casa de João e a casa de Tereza, no lado par da rua.
3. João mora no número 132.
4. Célia mora em frente da casa 132.



O que lhe chama a atenção na numeração das ruas?

Por que você acha que grande parte das ruas são numeradas do mesmo jeito?



Você conhece esta cantiga de roda?



Se esta rua, se esta rua fosse minha.
Eu mandava, eu mandava ladrilhar.
Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante.
Para o meu, para o meu amor passar.

Veja como o poeta José Paulo Paes escreveu o poema *Paraíso* com base nessa cantiga.

Paraíso

José Paulo Paes

Se esta rua fosse minha
Eu mandava ladrilhar
Não para automóvel matar gente
Mas para criança brincar.

Se esta mata fosse minha
Eu não deixava derrubar
Se cortarem todas as árvores
Onde é que os pássaros vão morar?

Se este rio fosse meu
Eu não deixava poluir
Jogava esgotos noutra parte
Que os peixes moram aqui.

Se este mundo fosse meu
Eu fazia tantas mudanças
Que ele seria um paraíso
De bichos, plantas e crianças.

Paraíso

Se esta rua fosse minha

Se este bairro fosse meu

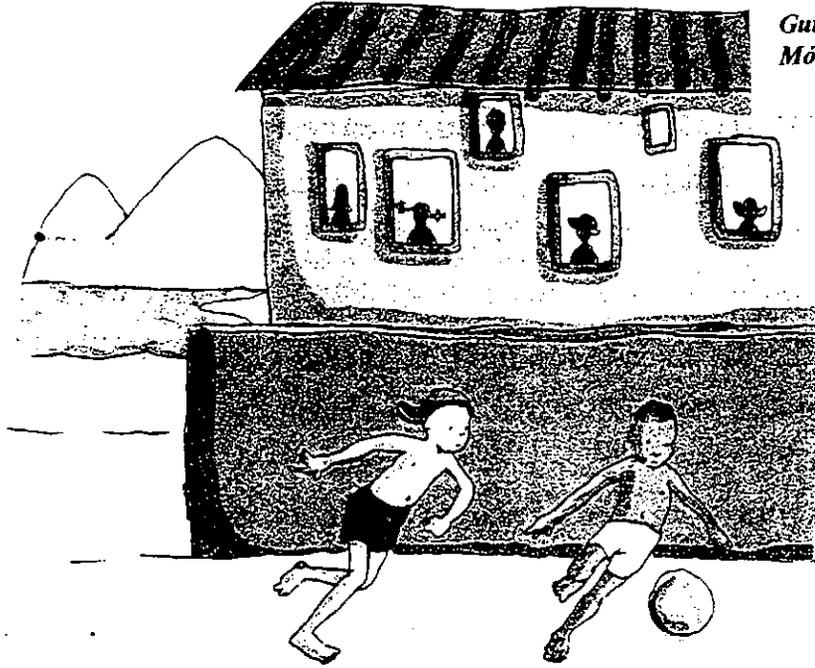
Se esta cidade fosse minha

Se este país fosse meu

1. Por que você acha que o título desse poema é *Paraíso*?

2. Há rimas nesse poema? Encontre as palavras que rimam e copie-as em seu caderno.
3. O que seria preciso para transformar o lugar em que você vive num *Paraíso*?

4. Reescreva o poema *Paraíso* de José Paulo Paes, contando o que você faria para transformar as ruas, o bairro, a cidade e o país onde vive.



Unidade 2:

Espaço de vivência e convivência

As atividades enfocam as relações entre as pessoas e delas com seus espaços de vida. Destacam, portanto, situações no lugar de vivência, como brincadeiras, presença ou ausência e uso de equipamentos e serviços. Favorecem a socialização dos educandos, uma vez que são levantados e comparados diferentes aspectos em seus espaços de vivência. Introduzem-se também os primeiros passos da representação cartográfica, com base em desenhos, croquis, plantas baixas, fotografias aéreas e mapas.

A representação cartográfica emprega uma linguagem específica, com códigos e sistemas de representação de aspectos da realidade. Provavelmente, muitos alunos já tiveram contato direto ou indireto com essa linguagem, observando guias, plantas e mapas.

Estudos sobre o bairro e a cidade são também uma via para apreender o modo de vida urbano, traço marcante da realidade social de nosso país nos dias de hoje.

O estudo das representações cartográficas também oferece interessantes conexões com conteúdos da geometria, relacionados ao estudo das formas e da posição dos objetos no espaço. Nesta unidade, propõe-se a construção de uma maquete que represente o entorno do centro educativo, na qual os alunos poderão aplicar os conhecimentos sobre sólidos geométricos introduzidos no módulo anterior. Todas essas atividades que envolvem noções geométricas favorecem o desenvolvimento de um tipo particular de pensamento que é de grande utilidade na vida das pessoas. Para citar um exemplo, entre tantas outras situações, sabe-se que os conhecimentos geométricos podem ajudar uma pessoa a encontrar determinada sala num grande edifício com muitos andares, a localizar-se numa cidade desconhecida, a construir um piso que permita o escoamento de água etc.

Atividades em destaque

Os Teixeira moravam em frente

Página

74

A saborosa crônica de Rubem Braga, um dos maiores autores brasileiros no gênero, remete a uma época e a um lugar em que as crianças brincam nas ruas sem maiores constrangimentos. As vias públicas, livres de tráfego ou do burburinho fervilhante de pessoas, tornam-se espaço ideal para brincadeiras e jogos. Esta já não é mais a realidade para muitos centros urbanos, onde as crianças não podem mais estar soltas nas ruas com tanta tranquilidade.

Apresente no quadro-de-giz o título do texto e peça para os alunos tentarem imaginar de que ele trata. Depois leia o texto em voz alta, esclarecendo dúvidas de vocabulário e entendimento. Destaque os parágrafos em que aparece a caracterização dos espaços destinados às brincadeiras. Na realização da atividade de desenho, estimule-os a relembrar seus próprios espaços de brincadeiras na infância. Proponha que comparem com a situação do texto, garantindo que todos falem de suas experiências. Procure destacar diferenças em relação aos lugares e usos do espaço quando eram crianças e relações sociais como vizinhança, separação e interação, conflito e cooperação.

Rubem Braga

Cronista capixaba (1913-1990). Personagem típico da boemia carioca da década de 50, é o único escritor a conquistar destaque na literatura brasileira escrevendo exclusivamente crônicas. Ainda estudante, assinava uma crônica diária no jornal *Diário da Tarde*, de Belo Horizonte. A partir dos anos 30, passou a escrever para diversos jornais e revistas brasileiros. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi correspondente de guerra na Europa e acompanhou as tropas da Força Expedicionária Brasileira na Itália. Suas crônicas, de intenso lirismo, falam de acontecimentos do cotidiano e estados da alma e foram reunidas em livros como *Ai de ti*, *Copacabana* e *A traição das elegantes*.⁴

Fonte: *Almanaque Abril 1996* (CD-ROM). São Paulo: Abril, 1997.

Mapeando o lugar onde moro

Para iniciar estudos sobre a representação espacial e a apreensão dos *códigos* e *símbolos* da linguagem cartográfica, um bom ponto de partida é o bairro em que os educandos moram. Oriente-os para que percorram os arredores de suas moradias e levistem todos os elementos significativos: lojas, igrejas, praças, bancos, pontos de ônibus, escolas ou outros. Oriente-os para que tentem reproduzir o maior número de elementos possíveis em um desenho desses arredores. Organize um mural com os trabalhos de seus alunos.

Página

76

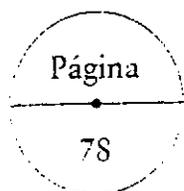
Visão frontal e visão aérea

Esta atividade introduz uma distinção fundamental para entender o sistema de representação espacial: a *visão frontal* e a *visão aérea*. Cartas, mapas e plantas baixas dão sempre uma visão aérea do objeto representado. Por esse motivo é que muitos professores trabalham com mapas sobre o chão ou em cima de uma mesa, permitindo que o observador coloque-se na posição adequada.

Página

77

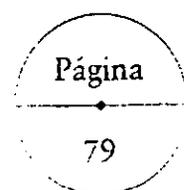
Comparando os desenhos ou plantas com as duas visões, os alunos poderão reconhecer em ambos os elementos representados em diferentes perspectivas. Verifique se todos estão fazendo a correspondência entre os elementos da cozinha de forma correta.



Desenhos de bairros feitos por estudantes

Nesta atividade, os alunos poderão observar as diferenças entre as visões frontais e aéreas de espaços urbanos representados por estudantes jovens e adultos. Ajude-os a comparar os diferentes elementos que se destacam nos dois tipos de desenho.

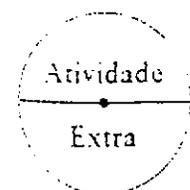
Peça que seus alunos comparem as duas representações com as que fizeram do bairro onde moram e que, então, analisem que tipo de visão privilegiaram: a frontal ou aérea. Note que em desenhos espontâneos é comum que as duas perspectivas apareçam misturadas. Observe se os alunos são capazes de perceber esses detalhes.



Um amigo veio visitar-lhe

A partir do esboço da planta do bairro, você pode trabalhar com os educandos *trajetos* e *direções*. Para localizar os pontos pedidos, eles poderão usar referências que normalmente utilizamos nas cidades, como número de quarteirões e estabelecimentos.

As noções de direção e trajeto serão importantes também para que os educandos possam trabalhar com sistemas de orientação e localização em outros mapas, como o da cidade, do estado, do Brasil e do mundo.



Como chegar até mim

A representação gráfica pode também ser exercitada com base em situações comuns na vida dos alunos, como fazer uma descrição oral do caminho até sua casa, ou desenhar um mapa simples do trajeto, para orientar um amigo ou os convidados para uma festa.

Você pode, como maneira de sensibilizar os alunos, fazer antes um exercício na sala de aula, como propor que o educando localize colegas usando noções como à frente, atrás, do lado direito e do lado esquerdo. A posição de cada um será dada pelo número de carteiras que o separa dos colegas.

Da foto aérea ao mapa

Oriente os alunos na observação das correspondências entre a foto aérea e o croqui (esboço). Na tarefa seguinte, eles serão orientados a desenhar um novo croqui, contornando algumas áreas da foto numa folha sobreposta. Nesse exercício, eles reproduzirão, de forma simplificada, o método usado pelos profissionais para fazer mapas. Eles podem usar cores para caracterizar as áreas representadas: a das construções, a dos rios e a das áreas verdes e construir uma legenda para identificar tais áreas.

Página

80

Construindo maquetes

O objetivo desta atividade é fazer que os alunos identifiquem, descrevam e comparem figuras geométricas tridimensionais e associem a essas figuras os nomes usuais. O estudo dos arredores da escola é uma boa oportunidade para que percebam que objetos do mundo físico são modelos de algumas figuras tridimensionais.

Primeiramente, solicite aos alunos que, organizados em pequenos grupos, circulem nos arredores da escola observando os principais elementos que poderão compor a maquete. Peça que observem as construções, os postes, os troncos e as copas das árvores, os veículos, as ruas e outros elementos, buscando relacioná-los com as formas com que se assemelham: cubos, paralelepípedos, esferas, cilindros, cones, pirâmides etc. Eles deverão anotar essas formas e fazer um primeiro esboço da distribuição dos elementos numa representação plana, como já fizeram nas atividades anteriores.

O próximo passo é reunir o material para elaborar as maquetes: caixas e latas vazias, bolinha de isopor ou pingue-pongue, novelos de linha, pedaços de arame, barbante, canudos etc. Forneça a cada grupo uma folha de cartolina.

Página

81

um pedaço de papelão ou de madeira para servir de base para a maquete. Oriente para que tracem nessa folha o esboço das ruas, praças, largos que serão representados. Depois eles escolherão, na coleção de embalagens e outros materiais coletados, os que servem para representar prédios, automóveis, postes, árvores etc.

À medida que forem construindo a maquete, vá chamando a atenção para os nomes dos sólidos; por exemplo, uma caixa em forma de paralelepípedo pode representar um prédio, um lápis com a forma de um cilindro pode representar um poste ou o tronco de uma árvore, um novelo com forma de esfera pode representar a copa etc. Quando as maquetes estiverem prontas, deixe-as em exposição e incentive os alunos a apreciarem a produção dos colegas.

Página

83

A mudança

Esse texto introduz um outro bloco de atividades, cujo tema será as transformações no espaço. Proponha que os alunos leiam silenciosamente o texto. Em seguida, incentive uma conversa por meio da qual reproduzam o conteúdo do texto e relacionem-no com experiências pessoais. Prepare-se também você para fazer uma leitura em voz alta para a turma, destacando toda a beleza da prosa do grande poeta Carlos Drummond de Andrade.

Página

83

Transformações espaciais, transformações sociais

As transformações sociais possuem uma expressão espacial, de modo que a organização do espaço permite que se observem certas inovações no modo de vida da sociedade. Por sua vez, a organização do espaço também influencia nos modos de vida das pessoas. A seqüência de ilustrações apresenta de forma esquemática como esse processo de “mão dupla” ocorre. A pequena cidade, ao longo do tempo, passa a ter maior adensamento populacional, verticalização das edificações e intensidade nos fluxos (pessoas, veículos, relações econômicas). É importante notar, entretanto, que o espaço não é todo transformado da mesma

forma e ao mesmo tempo. Por exemplo, a pequena igreja permanece como testemunho de períodos anteriores.

Para observar criteriosamente a seqüência, os educandos deverão observar permanências e mudanças. Poderão fazer também *múltiplas reflexões sobre o significado das inovações*. Por exemplo, ao se modernizar, aquele núcleo adquire ares de cidade grande, mas, em contrapartida, perde-se a proximidade nas relações sociais.

Muitas vezes, a distância em metros entre as pessoas é pequena, mas a distância social é grande. Um outro dado é a predominância de atividades ligadas ao setor terciário (comércio e serviços) no período mais recente, expressa na presença de lojas e *shopping center*. O exemplo hipotético serve como referência para que o educando reflita sobre as transformações no mundo que o cerca, avaliando aspectos positivos e negativos.

Entrevista com antigos moradores

Além de prover muitas informações significativas para a análise das transformações dos espaços de vivência e convivência, esta atividade é uma ótima oportunidade para exercitar uma série de procedimentos relacionados à realização de entrevistas.

Depois de introduzir a proposta de entrevistar vizinhos que morem há bastante tempo na região para saber das mudanças ocorridas nela, comente o roteiro que aparece no livro. Mostre que ele está organizado em três partes, relativas a três momentos distintos: antes, durante e depois da entrevista. Depois de ler o roteiro completo para dar uma visão geral da atividade, detenha-se na parte I, relativa à preparação da entrevista.

Você deve dar especial atenção à elaboração do questionário, ou seja, ao conjunto das perguntas que serão feitas aos entrevistados. O questionário pode ser elaborado coletivamente por todo o grupo ou em grupos menores. Oriente os alunos na organização das perguntas, que preferencialmente devem ser numeradas. Outro aspecto muito importante a destacar é a pontuação, especialmente o emprego do ponto de interrogação no final das perguntas.

Além disso, há algumas marcas características das frases interrogativas que podem ser discutidas, como o emprego dos pronomes *que, quem, qual, quanto*, e dos advérbios *onde, como, quando, por quê*.

Você pode comentar a peculiaridade ortográfica do “por que” (no início das perguntas) e “porque” nas frases afirmativas. Destaque o fato de que, para cada um desses pronomes e advérbios que utilizamos, suscitamos um tipo de resposta. Comente também o fato de que algumas perguntas podem provocar respostas muito curtas, tipo *sim* ou *não*, como nos exemplos: *Você mora aqui faz tempo?* ou *Antigamente aqui era melhor de morar?* Nesses casos, seria melhor perguntar: *Há quanto tempo você mora aqui?* ou *Você acha que antigamente o bairro era melhor para morar? Por quê?*

Você pode iniciar com uma “tempestade de idéias”, solicitando que os alunos sugiram algumas perguntas que você vai anotando no quadro-de-giz, comentando os aspectos formais (pontuação etc). Convide também alguns alunos para registrar perguntas no quadro e, com ajuda do grupo, vá melhorando-as do ponto de vista da clareza e correção gramatical. Depois que já tiverem um bom conjunto, proponha a organização dos temas e depois o estabelecimento de uma seqüência: *Por onde devemos começar a entrevista?* Observe se todos os pontos importantes do tema foram abordados e se o questionário está completo.

Depois que todos os alunos estiverem munidos de seus questionários organizados e corrigidos, agende um prazo para que as entrevistas sejam realizadas. Alerta os alunos de que não é bom deixar passar muito tempo entre a realização da entrevista e o registro escrito das informações coletadas, pois muitas informações podem ser esquecidas. Mesmo para quem gravar em fita a entrevista, não é bom deixar a experiência esfriar.

Durante esse período, vá perguntando se já conseguiram a entrevista, como foi etc. Reserve um dia ou mais para a leitura dos textos produzidos, que poderão também ser afixados no mural. Finalmente, faça uma síntese das informações coletadas nas várias entrevistas, registrando quatro ou cinco pontos que fiquem como conclusões do grupo.



Mapa do nosso município

Providencie um mapa do município onde está situado o centro educativo. Dê preferência a um mapa grande, que possa ser observado por toda classe e deixado num mural para consulta.

Para uma primeira análise, o mapa pode ser colocado no chão ou sobre a mesa, para que os alunos possam observá-lo de cima, ponto de vista que corresponde à representação cartográfica (visão aérea).

Peça que os alunos identifiquem limites do município e o sinal que indica a localização de sua sede administrativa. A sede administrativa corresponde a um núcleo urbano, que será maior ou menor de acordo com o município. Caso a área urbana não esteja indicada no mapa, procure outras referências que ajudem a delimitá-la de forma aproximada.

Depois que os limites do município e a sede administrativa tiverem sido localizados, ajude seus alunos a identificar outros elementos representados no mapa, como estradas, rios, represas etc. Chame a atenção deles para as legendas.

Município ou cidade, bairro ou distrito?

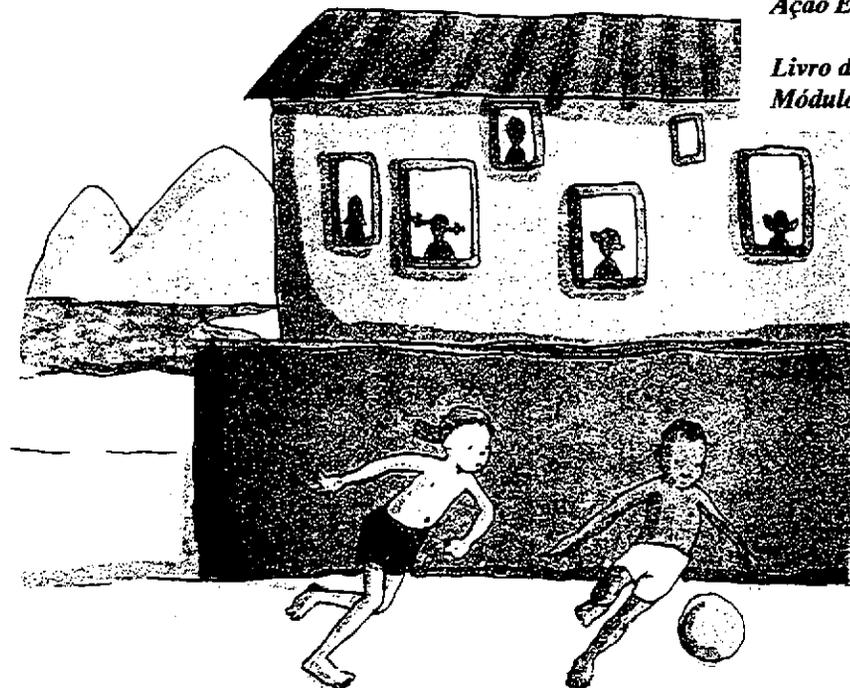
O município é um lugar que tem um prefeito e uma câmara de vereadores, que são escolhidos pelos eleitores da região. O município possui leis e impostos próprios. Ele pode conter zona rural e zona urbana.

E a diferença entre município e cidade? A cidade corresponde à área urbana do município. Algumas vezes o município apresenta apenas uma área urbana, não possuindo uma área rural. Nesse caso, o município e a cidade coincidem, como acontece com São Caetano do Sul e Diadema, no estado de São Paulo.

E os bairros? Os bairros não são uma divisão oficial do município, mas é dessa forma que quase todas as pessoas referem-se às diferentes partes de um município ou cidade. Normalmente, um bairro coincide com um distrito. Distrito é o nome oficial, enquanto bairro é uma designação popular e histórica.

O distrito é uma subdivisão do município e também depende da administração central. Muitas vezes, especialmente nas grandes cidades, cada distrito ou conjunto de distritos tem um administrador que segue as orientações do prefeito. Nas grandes cidades, ocorre também a divisão do distrito em subdistritos, para facilitar a administração.

Fonte: Secretaria de Planejamento. Instituto Geográfico e Cartográfico. São Paulo, 1995. Adaptação do Glossário Territorial e Administrativo.



Unidade 2: Espaço de vivência e convivência

Neste texto, Rubem Braga, um importante cronista brasileiro, conta algumas lembranças de sua infância.



Os Teixeiras moravam em frente

Rubem Braga

Os Teixeiras moravam quase defronte lá de casa. Não tínhamos nada contra eles: o velho, de bigodes brancos, era sério e cordial e às vezes até nos cumprimentava com deferência. O outro homem da casa tinha uma voz grossa e alta, mas nunca interferiu em nossa vida, e passava a maior parte do tempo em uma fazenda fora da cidade; além disso seu jeito de valentão nos agradava, porque ele torcia para o mesmo time que nós.

Mas havia as Teixeiras. Quantas eram, oito ou vinte, as irmãs Teixeiras? Sei que era uma casa térrea muito, muito longa, cheia de janelas que davam para a rua, e em cada janela havia sempre uma Teixeira espiando. Havia umas que eram boazinhas, mas em conjunto as irmãs Teixeiras eram nossas inimigas, acho que principalmente as mais velhas e mais magras.

As Teixeiras tinham um pecado fundamental: elas não compreendiam que em uma cidade estrangulada entre morros, nós, a infância, teríamos de andar muito para arranjar um campo de futebol; e, portanto, o nosso campo natural para chutar uma bola de borracha ou de meia era a rua mesmo.

Jogávamos descalços, a rua era calçada de pedras irregulares. A gente dava tanta topada que todos tínhamos os pés escalavrados: as plantas dos pés eram de couro grosso, e as unhas eram curtas, grossas e tortas, principalmente do dedão e do vizinho dele. Até ainda me lembro de um pedaço do “campo” que era melhor, era do lado do extrema-direita de quem jogava de baixo para cima, tinha uma pedra grande, lisa, e depois um meio metro só de terra com capim, lugar esplêndido para chutar em gol ou centrar.

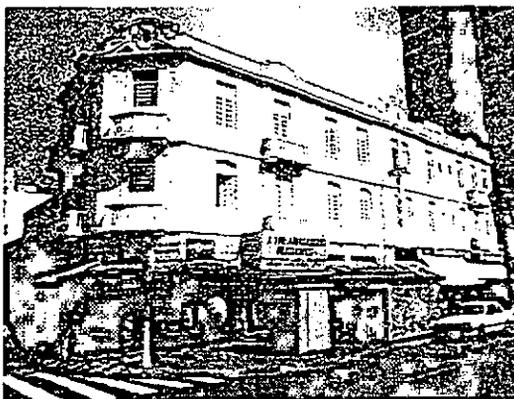
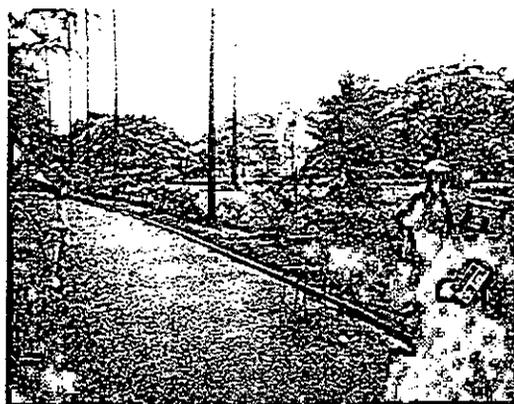
Tenho horror de contar vantagem, muita gente acha que eu quero desmerecer o Rio de Janeiro contando coisas de Cachoeiro, isto é uma injustiça; a prova aqui está: eu reconheço que o Estádio do Maracanã é maior que o nosso campo, até mesmo o Pacaembu é bem maior. Só que nenhum dos dois pode ser tão emocionante, nem jamais foi disputado tão palmo a palmo ou pé a pé, topada a topada, canelada a canelada, às vezes tapa a tapa.



1. Como era o espaço dos jogos descrito pelo autor? Desenhe esse espaço em seu caderno.
2. Como era, em sua infância, seu espaço de brincadeiras e jogos? Desenhe esse espaço em seu caderno.
3. Compare seus desenhos com os de seus colegas.



O bairro em que vivemos



Observando as fotos de bairros, responda em seu caderno:

1. Quais as características de cada um dos bairros apresentados?
2. Como é o bairro em que você mora? Nele existem escolas, creches, parques, igrejas, áreas comerciais ou industriais?
3. Pensando em seu bairro, lembre-se como são as ruas, o movimento de pessoas e carros, a pavimentação, os serviços de coleta de lixo, água e esgotos, transportes etc. Faça uma lista dos pontos positivos e uma lista dos pontos negativos que você observa.

Mapeando o lugar onde moro

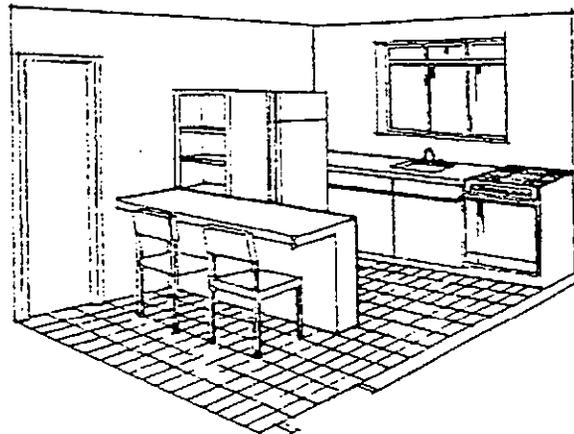
Faça um desenho de seu bairro, representando sua casa e as imediações.



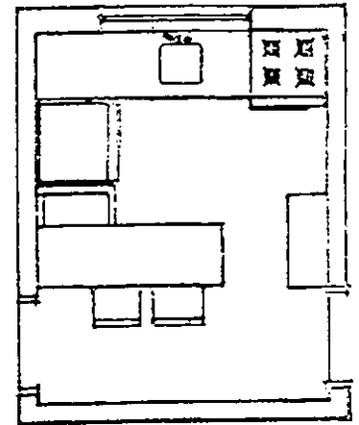
Visão frontal e visão aérea

As pessoas podem olhar um objeto, um cômodo da casa, a cidade ou o bairro em que moram de diferentes pontos de vista: do chão, de cima de uma escada ou telhado, da rua, do alto de uma ponte, de um prédio ou de um morro etc. Cada ponto de observação oferece uma impressão diferente do mesmo lugar.

Observe uma mesma cozinha representada de duas formas diferentes:



frontal

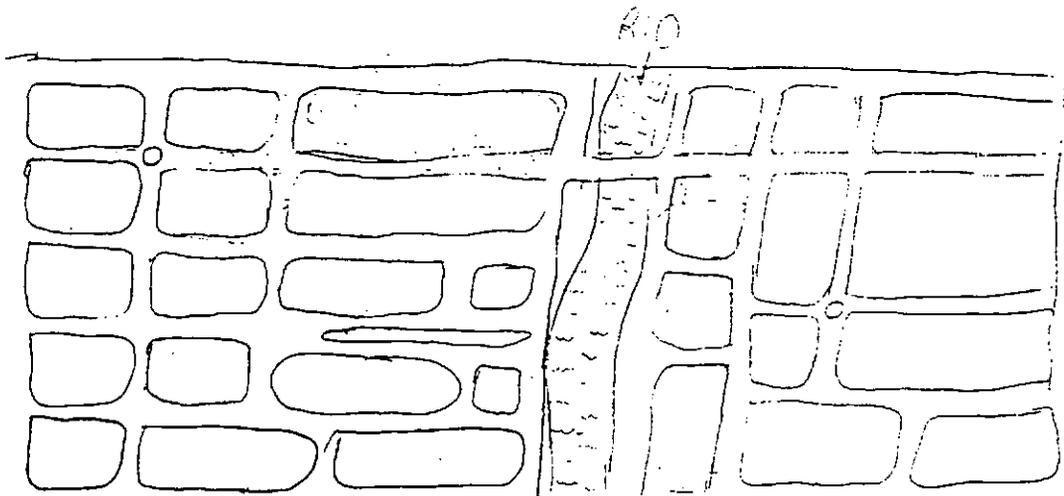
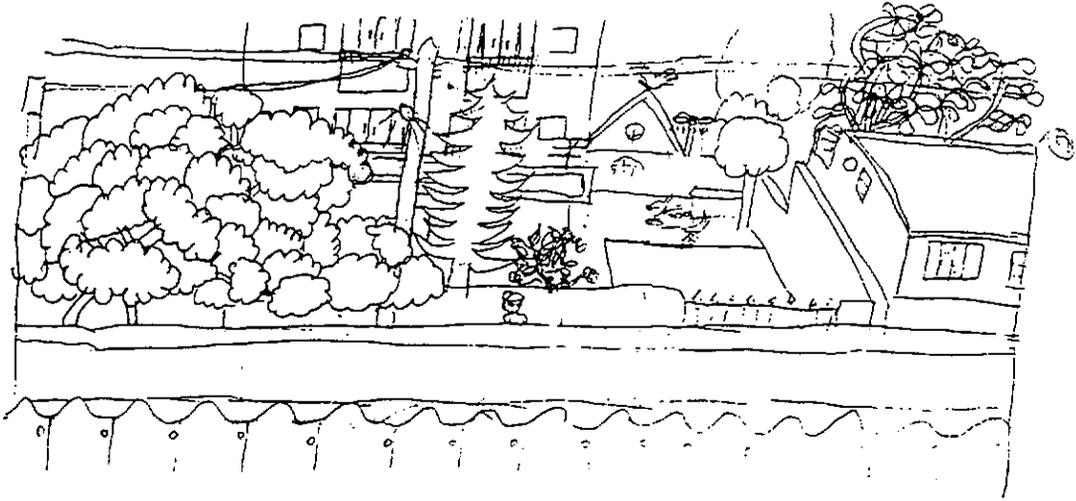


aérea

1. Identifique os objetos iguais nos dois desenhos.
2. De que ponto de vista cada um dos dois desenhos da cozinha foi feito?
3. Em qual desenho percebemos a altura dos objetos?
4. Em qual desenho podemos ver o espaço destinado à circulação das pessoas?
5. Desenhe, em seu caderno, sua sala de aula observada do ponto de vista da porta de entrada.
6. Agora, imagine-se no teto de sua sala de aula, olhando para baixo. Desenhe sua sala desse ponto de vista.



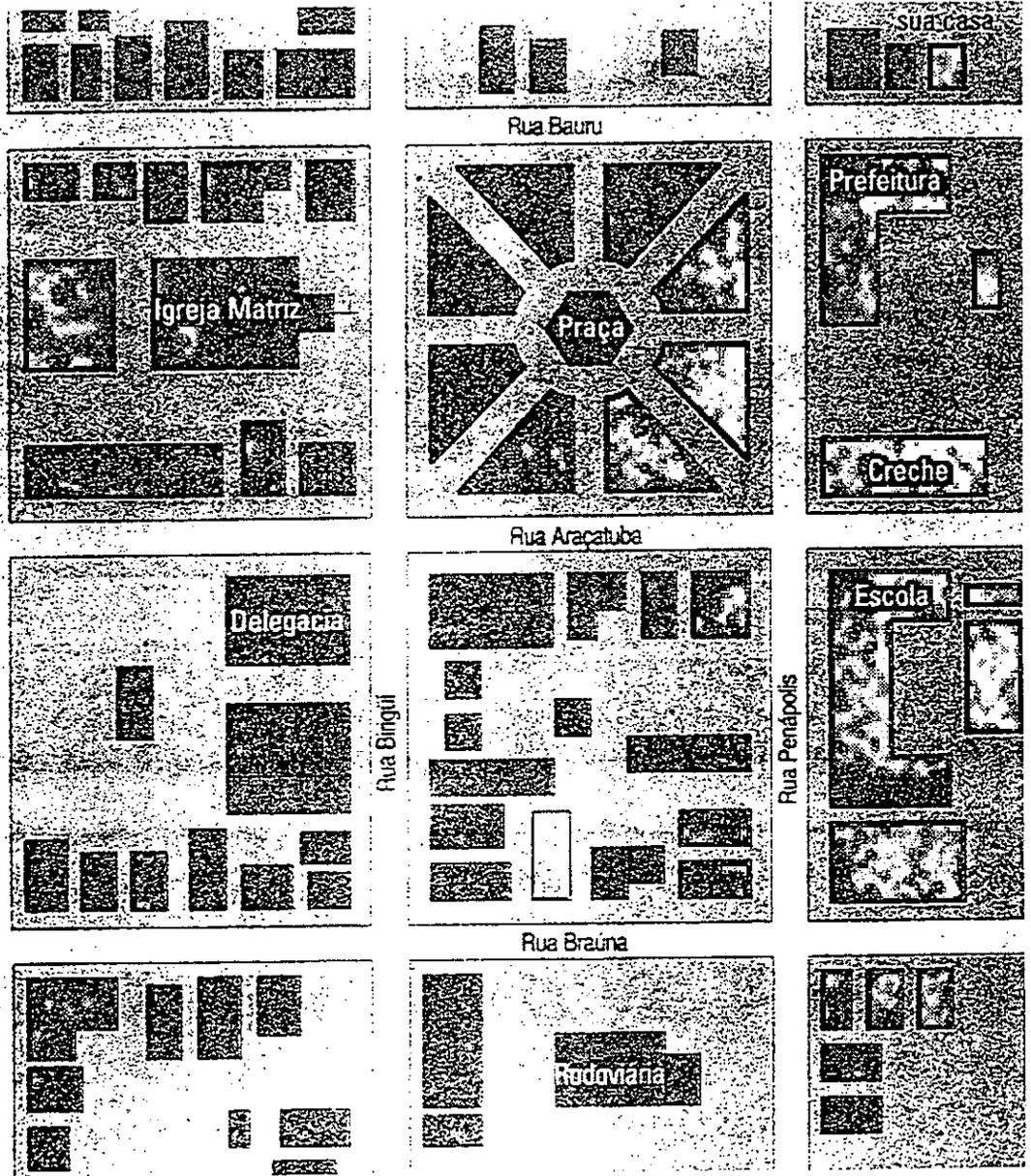
Desenhos de bairros feitos por estudantes



1. Descubra de que ponto de vista foram feitas a observação e o desenho de cada figura.



Um amigo veio visitar-lhe

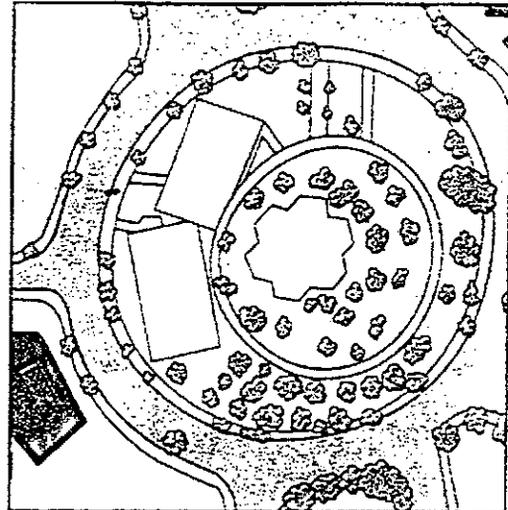


Imagine que você mora nesse lugar representado no mapa. Um amigo que mora em outra cidade veio visitar-lhe. Como você explicaria para ele o caminho a ser percorrido a pé da rodoviária até sua casa? E de sua casa até a praça? E de sua casa até a igreja?



Da foto aérea ao mapa

1. Observe com atenção a foto (esquerda) e o desenho (direita). Identifique no desenho os elementos que aparecem na foto.



2. Observe agora esta foto:



3. Os elementos dessa foto podem ser agrupados em: construções, rios e áreas verdes. Prenda uma folha transparente sobre a foto e, com lápis preto, faça o contorno desses grupos.
4. Agora, cole o desenho da folha transparente em seu caderno.
5. Com ajuda da professora, construa uma legenda para o desenho que identifique os grupos representados.





Construindo maquetes

Você e seu grupo construirão uma maquete que represente os arredores da escola. Para tanto, é preciso que você e seus colegas:

- façam um desenho dos arredores da escola com todos os elementos que constituem esse lugar, destacando as formas geométricas mais comuns;
- providenciem uma base, que pode ser um pedaço de papelão, madeira ou cartolina. A base serve para representar o terreno e dar suporte ao trabalho;
- tracem na base as ruas, os quarteirões, o lugar onde colocarão as casas, os estabelecimentos comerciais, prédios, pontos de ônibus, postes etc.;
- selecionem caixas, latas, arames e embalagens para representar os elementos que farão parte da maquete;
- providenciem papéis, tecidos, algodão, serragem, cola, tesoura, tintas e canetas para forrar e colorir as caixas, latas, embalagens etc.;
- cole na base os elementos como planejaram e dêem o acabamento que considerarem mais adequado;

Procurem construir a maquete da forma mais completa possível. Consultem o desenho e observem quais materiais são mais adequados para representar as formas que desenharam.

Ao final, exponham o trabalho de toda a classe e verifiquem como o mesmo lugar foi representado pelos vários grupos.



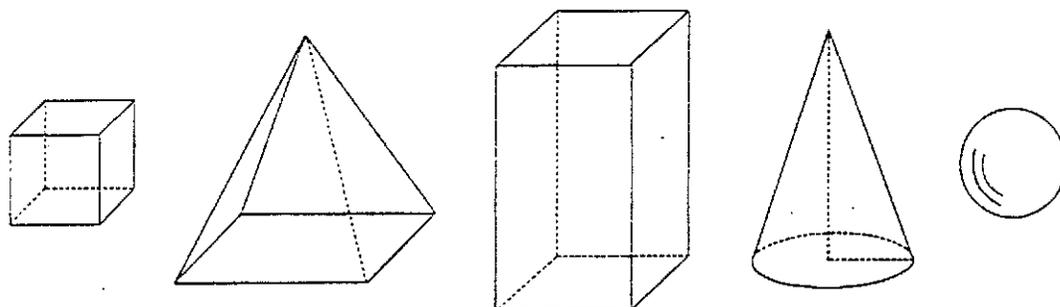
1. O desenho que vocês fizeram no início da atividade é parecido com a maquete?
2. Quais as formas que aparecem na maquete e no desenho?



A maquete e o desenho



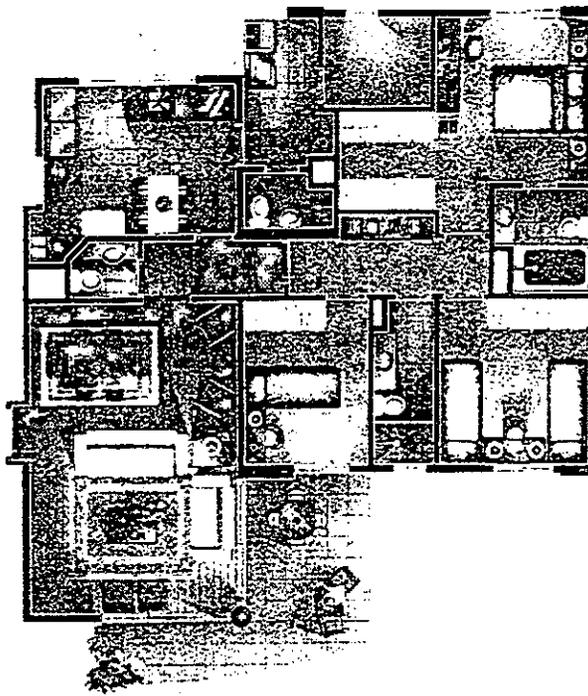
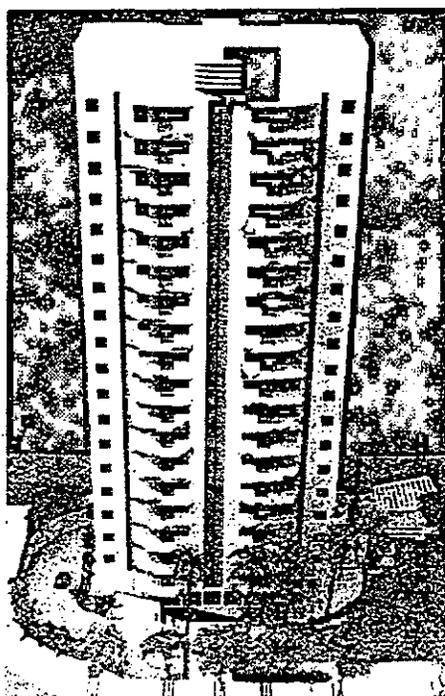
De modo geral, as formas usadas nas maquetes lembram os sólidos geométricos como o cubo, a pirâmide, o paralelepípedo, o cone, a esfera.



As formas usadas nos desenhos lembram figuras planas como os quadrados, os retângulos, os triângulos, os círculos etc.



Na maquete podemos ver os objetos de vários lados. No desenho vemos os objetos apenas por um lado.





A mudança

Carlos Drummond de Andrade

O homem voltou à terra natal e achou tudo mudado. Até a igreja mudara de lugar. Os moradores pareciam ter trocado de nacionalidade, falavam língua incompreensível. O clima também era diferente.

A custo, depois de percorrer avenidas estranhas, que se perdiam no horizonte, topou com um cachorro que também vagava, inquieto, em busca de alguma coisa. Era um velhíssimo animal sem trato, que parou à sua frente.

Os dois se reconheceram: o cão Piloto e seu dono. Ao deixar a cidade, o homem abandonara Piloto, dizendo que voltaria em breve, e nunca mais voltou. O animal inconformado procurava-o por toda a parte. E conservara uma identidade que talvez só os cães consigam manter, na Terra mutante.

Piloto farejou longamente o homem, sem abanar o rabo. O homem não se animou a acariciá-lo. Depois, o cão virou as costas e saiu sem destino. O homem pensou em chamá-lo, mas desistiu. Afinal, reconheceu que ele próprio tinha mudado, ou que talvez só ele mudara, e a cidade era a mesma, vista por olhos que tinham esquecido a arte de ver.



Transformações espaciais, transformações sociais

Os bairros e as cidades sofrem mudanças ao longo do tempo. Muitas vezes não percebemos essas mudanças no dia-a-dia, mas elas vão acontecendo e interferem na vida das pessoas. Observe as imagens seguintes, de uma mesma cidade:





1920



1960



1998

1. Quais as principais modificações que aconteceram nessa cidade com o passar dos anos?
2. Se você pudesse escolher, em qual época você gostaria de viver nessa cidade? Por quê?
3. Quais são os problemas e benefícios trazidos à população pelas mudanças dessa cidade?
4. Imagine outras mudanças que ainda poderão ocorrer nessa cidade.
5. Se você fosse o prefeito dessa cidade atualmente, o que você faria para melhorar a vida das pessoas?





Entrevista com antigos moradores

Você vai buscar informações sobre as mudanças que aconteceram no bairro onde mora nos últimos anos. Para tanto, você entrevistará moradores antigos de seu bairro. Planeje sua entrevista:

I. Antes da entrevista:

1. Pense em todas as informações que você quer levantar sobre a história de seu bairro. Veja algumas sugestões: como era o bairro antigamente, o que mudou e o que continua igual; quais as festas, brincadeiras e pontos de encontro mais comuns do bairro hoje e antigamente; como era o relacionamento entre os moradores; que mudanças de infra-estrutura ocorreram nos últimos anos (asfalto, luz, saneamento básico etc.); como são as condições de vida e moradia no bairro etc.
2. Elabore as perguntas e revise-as.
3. Escolha o entrevistado.
4. Marque a hora e local da entrevista.
5. Providencie fita e gravador. Se não for possível, providencie folhas e caneta para anotação.

II. Durante a entrevista:

1. Apresente-se.
2. Explique o porquê da entrevista.
3. Faça as perguntas e deixe que o entrevistado fale à vontade, enquanto isso anote ou fique atento às respostas. Muitas vezes, o entrevistado responde mais de uma pergunta de uma vez só; por isso, preste atenção para não fazer perguntas que já foram respondidas.
4. Agradeça e despeça-se.



III. Após a entrevista:

1. Ouça a gravação da entrevista ou leia suas anotações com atenção.
2. Escreva um texto com as informações colhidas. Não é preciso reproduzir as perguntas que fez.
3. Leia seu texto para a classe e compare sua entrevista com a dos colegas. Verifique os pontos em comum entre a história de seu bairro e os bairros dos colegas. As mudanças ocorridas influenciaram a vida dos moradores? A convivência entre vizinhos e moradores melhorou ou piorou? Por quê?